

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC**

**CURSO DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS**

**THIAGO CURCIO LIBRELATO**

**CAPTAÇÃO DE RECURSOS COM VISTAS AO ESPORTE: ESTUDO DE CASO  
EM UM EMPREENDIMENTO SOCIAL**

**CRICIUMA**

**2017**

**THIAGO CURCIO LIBRELATO**

**CAPTAÇÃO DE RECURSOS COM VISTAS AO ESPORTE: ESTUDO DE CASO  
EM UM EMPREENDIMENTO SOCIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Bacharel em Administração no curso de Administração de Empresas da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Melissa Watanabe

**CRICIUMA**

**2017**

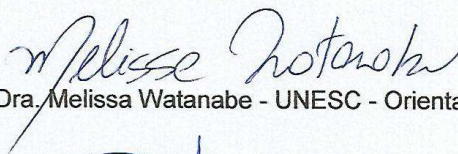
**THIAGO CURCIO LIBRELATO**

**CAPTAÇÃO DE RECURSOS COM VISTAS AO ESPORTE: ESTUDO DE CASO  
EM UM EMPREENDIMENTO SOCIAL**

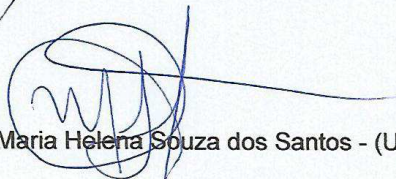
Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel em Administração, no Curso de Administração de Empresas da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Empreendedorismo Social.

Criciúma, 04 de Julho de 2017.

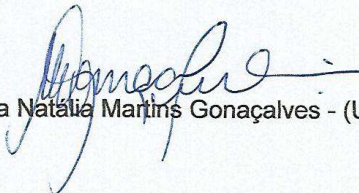
**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dra. Melissa Watanabe - UNESC - Orientador



Prof. Maria Helena Souza dos Santos - (UNESC)



Prof. Dra. Natalia Martins Gonaçalves - (UNESC)

**THIAGO CURCIO LIBRELATO**

**CAPTAÇÃO DE RECURSOS COM VISTAS AO ESPORTE: ESTUDO DE CASO  
EM UM EMPREENDIMENTO SOCIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel em Administração, no Curso de Administração de Empresas da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Empreendedorismo Social.

Criciúma, 04 de Julho de 2017.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dra. Melissa Watanabe - UNESC - Orientador

Prof. Maria Helena Souza dos Santos - (UNESC)

Prof. Dra Natália Martins Gonaçalves - (UNESC)

**Aos meus grandes mestres da vida, minha  
mãe Soraya e meu pai Tadeu (in memoriam).  
Também à minha esposa Elisa, com todo  
meu amor e gratidão.**

## **AGRADECIMENTOS**

Meu maior agradecimento a Jesus Cristo pelo dom da vida. Devo a Ele tudo que me tornei, com uma gratidão enorme pelo caminho que pude trilhar até o momento.

A minha orientadora, Professora Dra. Melissa Watanabe que acrescentou muito a esta obra. Sem ela, não tenho dúvidas que este trabalho não seria concluído.

A Carla Spillere Busarello, que esteve junto comigo durante as visitas no Bairro da Juventude, auxiliando e dando mais segurança com todo seu conhecimento sobre o tema.

Aos meus familiares, especialmente minha Vó Adélia, minha mãe Soraya e minha esposa Elisa, sempre compreensivas e pacientes durante todo este desgastante processo. Cada uma a sua maneira contribuíram de formas diferentes para que essa jornada pudesse ter sucesso. Fica também um agradecimento ao meu já falecido pai Luiz Tadeu, que nos deixou há 10 anos, mas que ainda marca meus dias com todo seu ensinamento em vida.

Sou grato aos professores e colegas do curso de Administração de Empresas, que tornaram a jornada muito mais rica e agradável.

A todos do Bairro da Juventude, tanto funcionários quanto familiares atendidos, que não mediram esforços para ajudar contribuindo com tudo aquilo que estava ao seu alcance.

Muitas pessoas não mencionadas aqui também me ajudaram bastante, a todos muito obrigado!

**“Ser um empreendedor é executar os sonhos, mesmo que haja riscos. É enfrentar os problemas, mesmo não tendo forças. É caminhar por lugares desconhecidos, mesmo sem bússola. É tomar atitudes que ninguém tomou. É ter consciência de que quem vence sem obstáculos triunfa sem glória. É não esperar uma herança, mas construir uma história.”**

**(AUGUSTO CURY)**

## RESUMO

Algumas áreas da população não conseguem ser atendidas em seus anseios sociais, seja pelo Governo, seja pelas Instituições privadas. São problemas não resolvidos por falta de dinheiro, foco, interesse, etc dos entes envolvidos. O empreendedorismo social nasce justamente para sanar essas necessidades de um público específico. Tema de estudo recente, que ainda necessita de uma conceituação mais clara e objetiva. O que de nenhuma forma diminui a importância do assunto em nossa sociedade. Esta pesquisa tem o objetivo de trazer à tona os conceitos de empreendedorismo e empreendedorismo social, e descrever como o Bairro da Juventude realiza a transformação na região em que está inserido através das atividades esportivas que são financiadas através da captação de recursos via Lei de Incentivo ao Esporte. Para isso, a estratégia de investigação utilizada foi o estudo de caso, com informações coletadas em entrevistas com gestores e famílias atendidas pela Instituição. Foi possível identificar que o Bairro da Juventude tem grande experiência e *know-how* nas atividades que exerce adquirido pelo longo tempo que já está atuando. Também percebe-se que consegue promover impactos positivos na realidade que está inserido.

**Palavras-chave:** Empreendedorismo Social. Captação de recursos. Esporte. Transformação Social.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Fluxograma Captação de Recursos.....	42
Figura 02 - Patrocinadores Bairro da Juventude – Esporte.....	43
Figura 03 - Números de atendimentos por modalidade 2016.....	47

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01- Principais Características Empreendedoras (vários autores).....	16
Quadro 02 - Diferenças entre empresas tradicionais, negócios sociais e organizações não governamentais.....	27
Quadro 03 - Resumo Processo de Captação Lei de Incentivo ao Esporte .....	33
Quadro 04 – Roteiro entrevista com gestores.....	36
Quadro 05 – Roteiro entrevista com diretor .....	36
Quadro 06 – Roteiro entrevista com famílias de crianças atendidas.....	36
Quadro 07 - Síntese dos Procedimentos Metodológicos .....	38

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
1.1 SITUAÇÃO PROBLEMA .....	12
1.2 OBJETIVOS .....	13
<b>1.2.1 Objetivo Geral</b> .....	<b>13</b>
<b>1.2.2 Objetivos Específicos</b> .....	<b>13</b>
1.3 JUSTIFICATIVA .....	14
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	<b>15</b>
2.1 EMPREENDEDOR.....	15
2.2 EMPREENDEDORISMO.....	20
2.3 NEGÓCIO SOCIAL E EMPREENDEDORISMO SOCIAL .....	22
2.4 CAPTAÇÃO DE RECURSOS .....	30
<b>2.4.1 Lei nº 12.213/10 - Fundo do Idoso</b> .....	<b>30</b>
<b>2.4.2 Lei nº 8.069/90 - Fundos dos direitos da criança e do adolescente</b> .....	<b>30</b>
<b>2.4.3 Lei nº 8.313/91 - Lei Rouanet</b> .....	<b>31</b>
<b>2.4.4 Lei nº 12.715/12 - PRONON e PRONAS</b> .....	<b>31</b>
<b>2.4.5 Lei 11.438/06 - Lei de incentivo ao Esporte</b> .....	<b>32</b>
<b>3 METODOLOGIA DA PESQUISA</b> .....	<b>34</b>
3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA .....	34
3.2 DEFINIÇÃO DA ÁREA E POPULAÇÃO-ALVO .....	35
3.3 PLANO DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS.....	35
3.4 SÍNTESE DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	38
<b>4 RESULTADOS</b> .....	<b>39</b>
4.1 ESTRUTURAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DA ÁREA DE ESPORTES .....	39
4.2 CAPTAÇÃO DE RECURSOS COM FOCO NO ESPORTE .....	40
4.3 IMPACTOS NA POPULAÇÃO ATENDIDA .....	44
<b>5 CONCLUSÃO</b> .....	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>51</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O Brasil é, reconhecidamente, um país com alto número de empreendedores. Possui 27 milhões de pessoas envolvidas em um negócio próprio ou na sua criação. Aparece em terceiro lugar, em números absolutos, na pesquisa realizada em 2011 pela *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM). Dos 27 milhões de empreendedores, mais de 50% (14,4 mi) têm entre 25 e 44 anos; 3,4 milhões tem até 24 anos; e 6 milhões tem mais de 55 anos. A renda obtida nos seus negócios, para metade deles, chega a, no máximo, três salários mínimos. Um terço fatura entre três e seis salários mínimos e menos de 15% conseguem mais do que isso (DORNELAS; SPINELLI; ADAMS, 2014).

O empreendedorismo social refere-se a um movimento que tenta completar uma lacuna existente entre o modelo de negócios das empresas tradicionais, voltados para a maximização dos lucros e as organizações sem fins lucrativos as quais atuam no chamado terceiro setor que se sustentam basicamente com doações de caridade ou filantrópicas (YUNUS, 2010).

São os chamados negócios sociais que estão “fora do mundo que busca lucros. Seu objetivo é resolver um problema social utilizando métodos de negócios, inclusive criação e venda de produtos e serviços” (YUNUS, 2010, p.19).

Dentro desse cenário, uma nova dimensão começa a ganhar espaço em meio as discussões sobre este tipo de empreendedorismo. De acordo com Godói-de-Sousa, Gandolfi e Gandolfi (2011,) o empreendedorismo social é uma via promissora e que pode ser replicável em diversas partes do mundo, já tendo suscitado interesse de estudo e investigação por universidades e centros de pesquisa. Ainda conforme os mesmos autores, um dos tantos desafios a serem enfrentados por este modelo de negócios é a capacidade de geração de valor econômico e social.

Casaqui (2015) aponta que no plano econômico, o empreendedor social tem o espírito do capitalismo contemporâneo, mas com algumas vantagens, já que trabalha com as lógicas da justiça social e com intuito de transformar o mundo.

Com a ineficiência dos Governos em todas as esferas – federal, estadual e municipal – empresários têm despertado na busca de soluções criativas e inovadoras para problemas sociais, chamando para si essa responsabilidade, também percebendo que tais adversidades (violência, baixo poder aquisitivo

populacional, sistema educacional ineficiente) atrapalham o desenvolvimento de seus próprios negócios. Ao adotar tais modelos, eles levaram junto consigo as práticas da iniciativa privada: ênfase nos resultados, definição de objetivos, metas a serem alcançadas, causando uma verdadeira transformação no segmento.

## 1.1 SITUAÇÃO PROBLEMA

O empreendedorismo social encontra-se justamente nessa mudança de contexto – da busca de lucros sem nenhuma preocupação social, somente pelo resultado operacional da empresa, para o lucro advindo de atividades que buscam soluções para problemas na sociedade.

Organizações Não Governamentais (ONGs), ou mesmo ações socioambientais das empresas tradicionais com o trabalho das empresas estão inseridas no modelo de negócios do negócio social. Este último busca aliar impacto social (o que normalmente é finalidade de organizações sem fins lucrativos) com sustentabilidade financeira, condição necessária para continuidade da empresa (encontrada no empreendedorismo tradicional). Logo, o negócio social pode ser considerado híbrido, pois busca ao mesmo tempo, gerar lucro e impacto social (CARDOSO, 2015).

Desta forma, negócios de impacto social buscam aliar impacto social com sustentabilidade, usada aqui no sentido de continuidade de prestação de serviços, para que a população atendida tenha possibilidade de desfrutar dos benefícios de maneira perene.

As Instituições bem sucedidas na área de negócios sociais e empreendedorismo social, conforme destaca Oliveira (2004), tem compromisso entre a sua missão e suas reais condições de atendimento. Sua missão está direcionada e tem como foco atender aquilo a que se propõe verdadeiramente.

Dees (1998, p.3) afirma que “o empreendedorismo social é uma das espécies do gênero dos empreendedores. São empreendedores com uma missão social.” E justamente essa missão social pode estar relacionada aos mais variados segmentos: saúde, educação, cultura e esporte são áreas beneficiadas por iniciativas que buscam mudar a realidade do ambiente em que estão inseridos.

O esporte é, reconhecidamente, um meio de inclusão e transformação social acessível a indivíduos das mais variadas classes (AZEVEDO, BARROS,

2004). Com esta ideia, a pesquisa no Bairro da Juventude – Instituição que tem como Missão: Promover e oportunizar a transformação social, por meio da formação integral e assistência social, com processos educacionais humanizados para crianças, adolescentes, jovens e suas famílias – busca entender melhor de que forma a área de esportes consegue atingir sua missão e como os gestores entendem esta tarefa. Hoje, os recursos necessários para fomento destas atividades estão disponíveis, mas é preciso competência e conhecimento para acessá-los através de leis de incentivo do Governo Federal.

Diante desta situação de disponibilidade de recursos através da captação, do fomento do próprio Governo Federal nesta área específica e com a dúvida de como estes incentivos são sentidos e percebidos pelo público-alvo, surge a pergunta desta pesquisa: Quais são os impactos gerados pelas atividades esportivas no empreendimento social Bairro da Juventude?

## 1.2 OBJETIVOS

### 1.2.1 Objetivo Geral

Descrever como ocorre a captação e gestão dos recursos, bem como a percepção da população atendida e seus gestores na área de esportes do empreendimento Social Bairro da Juventude, município de Criciúma, Santa Catarina.

### 1.2.2 Objetivos Específicos

- a) Identificar como se deu a estruturação e consolidação da área de esportes dentro da história do Bairro da Juventude;
- b) Descrever como ocorre a captação de recursos – público e privada – na Instituição com foco no esporte;
- c) Identificar como a população atendida e seus gestores percebem os benefícios das atividades esportivas desenvolvidas pelo empreendimento social.

### 1.3 JUSTIFICATIVA

Dados apresentados pelo *Global Entrepreneurship Monitor 2013* mostram que houve um aumento de literatura relacionada a empreendedorismo social nos últimos anos, evidenciando a importância do conteúdo e a necessidade de estudar mais a fundo seu desenvolvimento e desdobramentos (GEM, 2013).

Ainda assim, por se tratar de assunto recente, talvez ainda exista muita indefinição quanto ao conceito e finalidade desses negócios que estão surgindo com a pretensão de “mudar o mundo”. Olhando pelo aspecto econômico, é possível em um negócio tradicional, avaliar sua viabilidade por meio de indicadores tradicionais: retorno sobre investimento, retorno sobre ativos totais, margem líquida, etc. Já para as ONGs, podem-se analisar resultados líquidos positivos ou a diminuição da dependência de doações (GODÓI-DE-SOUSA; GANDOLF; GANDOLF, 2011).

O crescimento significativo de Organizações Não Governamentais (ONGs), o crescente interesse do setor privado no financiamento de projetos sociais e o surgimento de ideias inovadoras neste campo comprova a relevância do assunto acerca do empreendedorismo social (PARENTE; QUINTÃO, 2014).

Dentre as várias áreas de atuação do empreendedorismo social, uma delas acontece no meio do esporte. Encontra-se em diversos autores a importância da prática desportiva também como um meio de inclusão e empoderamento da sociedade. Mota e Nassif (2015), Rossi Junior et al. (2014), Mota (2015) e Busarello (2016) validam o tema em diversas realidades e cenários diferentes.

Como forma de desenvolver e estudar mais este assunto, trazendo a importância, não só da aplicação e resultados na sociedade, mas também das alternativas de replicabilidade deste modelo em outras realidades, este trabalho torna-se relevante do ponto de vista acadêmico.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo aborda o papel do empreendedor, suas características e diferentes definições. Também apresentará o empreendedorismo, negócio social e empreendedorismo social e a captação de recursos.

### 2.1 EMPREENDEDOR

A palavra empreendedor tem origem francesa – *entrepreneur* – e significa aquele que começa algo novo e assume riscos (DORNELAS, 2001).

Dornelas (2001, p. 37) entende que a definição dada por Schumpeter, além de uma das mais antigas, é também a que mais reflete o seu verdadeiro significado: “o empreendedor é aquele que destrói a ordem econômica existente pela introdução de novos produtos e serviços, pela criação de novas formas de organização ou pela exploração de novos recursos e materiais.”

Uma abordagem diferente, dada por Kirzner (1973), conceitua como empreendedor o sujeito que cria equilíbrio, com uma posição objetiva e clara, mesmo em um ambiente de caos e turbulência.

Chiavenato (2004) defende que o empreendedor não pode apenas saber criar o seu próprio negócio, mas também precisa ter conhecimentos suficientes para geri-lo e sustentá-lo em um ciclo prolongado a fim de obter rendimentos significativos para o dinheiro ali investido. O autor cita algumas destas qualidades importantes: planejamento, organização, direção e controle das atividades relacionadas direta ou indiretamente ao seu empreendimento. Ele conceitua empreendedor como “a pessoa que inicia e/ou opera um negócio para realizar uma ideia ou projeto pessoal assumindo riscos e responsabilidades e inovando continuamente” (CHIAVENATO, 2004, p.3).

Basicamente, o termo empreendedor pode definir profissionais inovadores em algum negócio, e que também estejam dispostos a assumir ou correr riscos. Diversos autores foram dando suas contribuições com relação a definição do entendimento de empreendedor, adicionando características ao termo (OLIVEIRA, 2014).

O Quadro 01, trazido por Dornelas (2007), apresenta os resultados acerca da pergunta “Quem é o empreendedor?” em revisão realizada pelo mesmo,



buscando em outros autores, o que a literatura traz a respeito dos empreendedores. Segundo o autor, o resumo é extenso, mas não busca esgotar a discussão sobre o tema.

Quadro 01- Principais Características Empreendedoras (vários autores).

Ano	Autor	Principais características encontradas
1848	Mill	Assumir riscos
1917	Weber	Autoridade formal
1934	Schumpeter	Inovação, iniciativa
1954	Sutton	Desejo de responsabilidade
1959	Hartman	Autoridade formal
1961	McClelland	Assumir riscos, necessidade de realização, otimismo, relacionamento, poder, autoconsciência
1963	Davids	Ambição, desejo de independência, responsabilidade, autoconfiança
1964	Pickle	Foco, relacionamento, habilidade de comunicação, conhecimento técnico
1969	Gould	Percepção de oportunidade, motivado pela realização
1969	Wainer & Rubin	Realização, poder e afiliação
1970	Collins & Moore	Satisfação e prazer pelo que faz
1970	Hornaday & Bunker	Necessidade de realização, inteligência, criatividade, iniciativa, liderança, desejo de ganhar dinheiro, desejo de reconhecimento, orientação à realização, poder, tolerância às incertezas
1971	Palmer	Mensuração do risco
1971	Hornaday & Aboud	Necessidade de realização, autonomia/independência, histórico familiar, agressividade, poder, reconhecimento, inovação, independência
1972	Draheim	Experiência, credibilidade
1972	Howell	Influências
1973	Winter	Necessidade de poder
1974	Borland	Autocontrole
1974	Liles	Necessidade de realização
1977	Gasse	Orientado a valores pessoais
1978	Timmons	Foco/centrado, autoconfiança, orientado a meta, risco calculado, autocontrole, criatividade, inovação
1979	DeCarlo & Lyons	Realização, independência e liderança
1980	Brockhaus	Propensão a assumir riscos
1980	Sexton	Energia/ambição, reação positiva ao fracasso (superação)
1980	Hull, Bosley & Udell	Interesse em fama e dinheiro, autocontrole, propensão a assumir riscos, criatividade, realização
1981	Hisrich & O'brien	Autodisciplina, perseverança, desejo de sucesso, orientado pela ação, orientado a metas
1981	Mescon & Montanari	Realização, autonomia, dominância, controle, organização
1981	Welsch & White	Necessidade de controlar, busca por responsabilidade, autoconfiança, assume desafios, risco calculado
1982	Dunkelberg & Cooper	Orientado ao crescimento, senso de independência, especialização

Ano	Autor	Principais características encontradas
1982	Welsch e Young	Autocontrole, maquiavelismo, autoestima, assume riscos, aberto a inovação, otimismo

Fonte: Dornelas (2007, p. 2).

Para melhor entendimento, Oliveira (2014) classifica o empreendedor, quanto ao contexto em que atua e também as suas características. São eles:

- Empreendedor externo: cria, empreende e consolida um negócio promissor, apresentando resultados positivos, conseguidos através da otimização da capacidade de inovação. É responsável pela administração do nível de risco do empreendimento.
- Empreendedor interno: funcionário de uma empresa que tem a capacidade e a iniciativa de propor e aplicar soluções para desenvolvimento de processos, produtos, etc.
- Pseudoempreendedor: imagina ser um empreendedor interno, mas passa a vida toda apenas sonhando sem proatividade e iniciativa.
- Empreendedor por iniciativa: se arrisca no empreendedorismo, mas geralmente sem uma ideia sustentável, não consegue dar sequência ao empreendimento.
- Empreendedor por necessidade: normalmente, alguém que perde o emprego, e por se encontrar em uma situação difícil, resolve arriscar em um novo negócio.
- Empreendedor de renovação: profissional que reinventa um negócio sem perspectiva, aumentando seu ciclo de vida.
- Empreendedor estrategista: está ligado e interage com os fatores externos, que não são controláveis, desenvolvendo as alternativas necessárias para aperfeiçoar a interação do empreendimento com o ambiente externo.
- Empreendedor estadista: otimiza o perfil de administração do empreendedor estrategista, visando o desenvolvimento consciente de uma região, município, país, da economia como um todo. Tem um perfil voltado a questão social.

Outras características do “espírito empreendedor” citado por Chiavenato (2004) são:

- Necessidade de realização: os empreendedores, diferente da população em geral, apresentam necessidade elevada de realização, isto é, indivíduos que tem desejo por excelência e preferem ser responsáveis pelas tarefas e objetivos previamente definidos.
- Disposição para assumir riscos: um empreendedor assume diversos tipos de riscos ao iniciar um negócio próprio: financeiros, familiares, psicológicos, etc. Porém, pessoas com este perfil tem naturalmente mais propensão a assumir estes riscos – a preferência por este cenário reflete uma capacidade de autoconfiança.
- Autoconfiança: empreendedores de sucesso enxergam os problemas intrínsecos de um novo negócio, mas acreditam em seu potencial para resolvê-los. Estas pessoas acreditam que seu sucesso depende mais de suas habilidades e esforços do que de aspectos externos, extrínsecos ao empreendimento.

Ainda de acordo com Chiavenato (2004), várias outras características estão presentes no empreendedor bem-sucedido, que devem ser buscados por aqueles que desejam se tornar um: iniciativa, perseverança, comprometimento, fixação de metas objetivas, busca de informações, capacidade de persuasão e autocontrole.

O autor também classifica os empreendedores em dois tipos: revolucionário e conservador. O revolucionário cria novos mercados a partir de algo único ainda não pensado por outras pessoas. Enquanto o conservador, que segundo ele é maioria, desenvolve negócios em mercados já existentes.

Faz-se importante também apresentar mais tipos de empreendedores, já que não existe um único tipo e nem um modelo-padrão. Diversos autores trazem classificações diferentes e conceituam de acordo com seus estudos. Dornelas (2007) define vários perfis de acordo com sua pesquisa em uma amostra relativamente grande (399 empreendedores), cobrindo praticamente todos os tipos apresentados:

- 1) Empreendedor Nato: são os mais conhecidos e reverenciados. São os empreendedores que tem histórias conhecidas, geralmente começando do nada para criar grandes empresas. Reconhecidos como a frente do seu tempo, visionários e otimistas. São 100% comprometidos com a realização de seus sonhos.

2) Empreendedor que Aprende (inesperado): alguém que, sem planejar, se deparou com uma oportunidade de negócio e mudou o rumo da sua vida. Nunca tinha pensando na possibilidade de empreender antes, apenas sonhava fazer carreira em uma grande empresa. Antes de se tornar um empreendedor, imaginava não gostar de assumir riscos. Pessoas que estão prestes a se aposentar e querem uma alternativa à ela se encaixam nesse perfil.

3) Empreendedor Serial: é apaixonado pelo ato de empreender. Não se contenta em criar um negócio e desenvolvê-lo. Prefere, por ser uma pessoa dinâmica, os desafios da criação do novo do que assumir a postura de um líder de grandes equipes. Quando conclui um desafio, precisa de outro para manter-se motivado. É capaz de envolver-se em inúmeros negócios ao mesmo tempo e sabe lidar com o fracasso.

4) Empreendedor Herdeiro: recebe desde cedo a missão de continuar o legado familiar. Seu maior desafio é multiplicar o patrimônio recebido. Ele aprende a arte de empreender com exemplos familiares, e normalmente segue seus passos. Aprendem cedo o funcionamento do negócio, e assumem ainda jovens cargos de direção. Alguns tem mais propensão a assumir riscos, inovando e mudando as regras do jogo enquanto outros são mais conservadores, seguindo a linha do que já estava sendo feito.

5) Empreendedor Social: tem uma missão de vida – construir um mundo melhor para as pessoas. É envolvido nas causas humanitárias com comprometimento. Tem um grande desejo de criar oportunidades para as pessoas menos favorecidas. Possui características parecidas com os demais empreendedores, mas têm prazer nos projetos que trazem resultados para outros e não apenas para si. São uma tendência em países em desenvolvimento e tem um papel na sociedade extremamente importante, já que preenchem lacunas deixadas pelo poder público.

6) Empreendedor Normal (planejado): é aquele, que como o nome diz, procura fazer a lição de casa com todo o tipo de planejamento – busca minimizar os riscos, se preocupa com os próximos passos, tem uma visão clara do futuro e trabalha em função de metas. É o mais completo do ponto de vista da definição de empreendedor, e que é a referência a ser seguida.

A motivação para iniciar um empreendimento também é um aspecto importante a ser analisado. Greco *et al.* (2009) apresentam duas situações: empreendimentos por oportunidade e por necessidade. Os autores consideram o primeiro como o “lado positivo” do empreendedorismo, pois são indivíduos que iniciaram um negócio ao observar uma oportunidade ainda não explorada. Já o segundo cenário é o outro extremo da atividade: as pessoas empreendem diante de uma necessidade. Neste caso o empreendedorismo é uma “ferramenta para o desenvolvimento”. Observa-se que, normalmente, nos países mais desenvolvidos o empreendedorismo por oportunidade apresenta taxas mais elevadas, enquanto nos países menos desenvolvidos a situação é oposta.

De forma mais direta, Cardoso (2015, p. 24) também explica a situação: empreendedor por necessidade é “aquele que perde o emprego e busca empreender como fonte alternativa de renda”, ao passo que o empreendedor por oportunidade “transforma uma ideia em oportunidade e estrutura uma empresa para concretizá-la” (2015, p. 24).

O tempo de vida também demonstra uma difícil realidade: grande quantidade não chega a completar um ano de vida e poucos passam dos cinco anos. A grande maioria destes empreendimentos é familiar, uma realidade brasileira (OLIVEIRA, 2014).

## 2.2 EMPREENDEDORISMO

O termo empreendedorismo, tal qual como se conhece atualmente, foi designado, em 1949, pelo economista austríaco Joseph Schumpeter (1883 até 1950), a fim de caracterizar um executivo de elevada criatividade, que consegue resultados interessantes por meio de inovações. Em 1950, Peter Drucker (1909 até 2005), associou o termo ao conceito de risco, afirmando que o mesmo exige determinado nível de risco (OLIVEIRA, 2014).

Segundo Oliveira (2014), historicamente também é preciso lembrar, quando se fala do termo empreendedorismo, de Richard Cantillon (1680 até 1734) que já estudava a atuação de indivíduos que constituíam novas empresas ou fortaleciam empresas existentes na época, e também Jean-Baptiste Say (1767 até 1832), que em 1800, analisava pessoas que, além de criar novos negócios, preocupavam-se com sua administração ao longo do tempo.

Buscando mais definições, Bateman e Snell (2006, p. 227) conceitua empreendedorismo como a “busca de oportunidades lucrativas por indivíduos empreendedores” e afirma que ser um empreendedor “é iniciar e construir uma organização, em vez de ser apenas uma parte passiva de uma delas.”

Para Oliveira (2014, p. 3), é válido conceituar o termo empreendedorismo como “um processo evolutivo e inovador das capacidades, habilidades e atitudes profissionais direcionadas à alavancagem dos resultados dos empreendimentos e à consolidação de novos projetos estrategicamente relevantes.”

O processo empreendedor é amplo e abrange várias atividades ligadas a criação de uma nova empresa. Em primeiro lugar, o empreendedorismo necessita da criação de algo novo, que tenha um valor percebido pelo mercado. Segundo, exige dedicação, comprometimento de tempo e de esforço para que o novo negócio possa se desenvolver. E em terceiro lugar, requer ousadia, disposição para tomar riscos calculados e decisões difíceis, além de capacidade de lidar com possíveis erros e tropeços (CHIAVENATO, 2004).

Segundo Baron e Shane (2011), não é necessariamente a criação de um novo produto ou serviço que definem o empreendedorismo de fato, mas o reconhecimento de uma oportunidade para criar algo novo – que pode ser uma matéria-prima, mercado ou um novo meio de produção.

Dornelas, Spinelli e Adams (2014) definem empreendedorismo clássico como a criação de novos negócios. Os autores acreditam que ele é uma força com grande poder de transformação em nosso planeta. E essa capacidade tem sido espalhada a outros setores, que não apenas em empresas do setor privado. Hoje, o empreendedorismo está na educação, organizações religiosas, sem fins lucrativos e até no governo. A importância econômica legitimou o empreendedorismo como algo vital em nossa sociedade. É um fenômeno global, com capacidade de democratizar o mundo.

Os mesmos autores ressaltam a sua importância citando dois ganhadores do Prêmio Nobel em 2006, que reconheceram a importância de um mundo mais empreendedor. O Professor Edmund S. Phelps, ganhador do Nobel argumentava que o “empreendedorismo é lucrativo – e justo” relataram Dornelas, Spinelli e Adams (2014, p. 5). Enquanto o ganhador do Prêmio Nobel da Paz, Muhammad Yunus, recebeu a honraria por empreender: fundou um banco que oferece microcrédito e que tirou milhares de pessoas da situação de pobreza extrema.

De acordo com Cardoso (2015), empreendedorismo é, em linhas gerais, a transformação de ideias em oportunidades de negócio. Ao empreender, cria-se ou descobrem-se oportunidades ainda não exploradas.

Sobre a situação brasileira, Oliveira (2014) acredita que o empreendedorismo não desenvolveu na velocidade adequada, muito por conta do protecionismo de nosso mercado, e pelo longo tempo que ele ficou fechado, sem interação com tecnologias e processos do mundo inteiro. O autor ainda retrata a realidade quanto ao tamanho dos negócios: quase a totalidade deles é micro, pequeno ou, no máximo, de médio porte.

Mais informações apresentadas pelo autor, com base em pesquisas e dados da Endeavor<sup>1</sup>, ajudam a entender a fotografia do empreendedorismo em nosso país:

- 75% das pessoas preferem abrir um negócio próprio a serem empregados de terceiros;
- Há um entendimento ambíguo quanto ao empreendedorismo – 90% da população entende que empreendedores são geradores de empregos, mas que também “exploram” as pessoas;
- As razões do brasileiro para montar o seu próprio negócio, em ordem: independência pessoal, ganhar mais dinheiro, oportunidade e flexibilidade de trabalho;
- Principais riscos que o empreendedor corre: preocupação financeira, possibilidade de falência, possibilidade de fracasso pessoal, insegurança e perda da propriedade;

Principais dificuldades enfrentadas: falta de conhecimento para administrar, falta de capacidade de gestão de pessoas, falta de investimento, pagamento elevado de impostos, falta de informação contábil e falta de funcionários qualificados.

### 2.3 NEGÓCIO SOCIAL E EMPREENDEDORISMO SOCIAL

O empreendedorismo social, diferentemente do empreendedorismo, vem sendo estudado há pouco tempo no Brasil. Apenas no início da década de 90 que o

---

<sup>1</sup> Organização de apoio ao empreendedorismo e a empreendedores de alto impacto.

Brasil vem se aprofundando no estudo do tema (SCHMITT JUNIOR; BEILER; WALKOWSKI, 2012).

Mesmo nos grandes centros, não há produção de conhecimento significativa, já que o tema é bastante atual. Apesar disto, segundo Oliveira (2004), o entendimento a respeito do conceito é quase homogêneo. Seguem alguns pontos de convergência sobre: a) o empreendedor social pode ter qualquer idade, formação, credo, cor, etc. b) tem como motivação transformar a sociedade solucionando problemas que melhorem a qualidade de vida. c) é um agente de mudança através de esforços coletivos e integrados com a sociedade.

Neste setor aparecem os chamados negócios sociais, que de acordo com Yunus (2010) é um novo tipo de negócio, que se difere tanto das empresas tradicionais – que buscam a maximização do lucro – quanto das organizações sem fins lucrativos – que precisa se sustentar através de doações. Ele é concebido para resolver problemas de pessoas mais pobres utilizando um modelo de negócios, inclusive permitindo a criação e venda de produtos/serviços.

De maneira objetiva, procura problemas na sociedade e propõe-se a solucioná-los através de uma empresa lucrativa e com a capacidade de replicar o modelo em outras realidades. Não é apenas uma busca por oportunidades de negócio. A dinâmica do empreendedorismo social é um duplo ponto de partida: gerar lucro e impacto social ao mesmo tempo (CARDOSO, 2015).

Segundo Moraes (2014), em um cenário de grandes paradoxos e diferenças é necessário o surgimento deste novo modelo – o negócio social – capaz de impactar um grande número de pessoas, com um negócio replicável e que consiga se financiar sem depender de recursos externos.

Caracterizar um negócio social pode não ser muito simples, pois existem algumas divergências quanto a sua classificação. Podem também ser chamados negócios de impacto. O primeiro ponto a ser entendido quando se fala em negócios sociais é a sua capacidade de sustentar-se por recursos próprios e sua motivação de gerar impacto social. A principal divergência ocorre com relação à utilização dos lucros dos negócios. Duas importantes organizações atuantes neste campo tratam o assunto de forma diferente. Para a Yunus Centre, “negócio social pode ser definido como empresas que buscam atingir um objetivo social e reinvestem seu lucro no próprio negócio” (YUNUS, 2010, p. 32). Nesta ótica, a distribuição de dividendos aos acionistas não é permitida.



Já a Artemisia ([20--],[s/p]) conceitua negócios sociais como “empresas que oferecem, de forma intencional soluções escaláveis para problemas sociais da população de baixa renda.” A divisão do lucro pode existir, e não é condição determinante para definir se o negócio pode ser considerado de impacto social (MORAES, 2014).

A Artemisia é uma instituição pioneira na difusão do conceito e no apoio/desenvolvimento a esse tipo de negócio no Brasil. Já o Yunus Centre é um centro de estudos e difusão do mesmo conceito (sob óticas divergentes em alguns pontos, como já visto), pertencente ao professor Muhammad Yunus, referência no assunto, fundador do Banco Grameen – o “banco dos pobres”, instituição de microcrédito, uma das pioneiras na área (MORAES, 2014).

O próprio Yunus (2010) explica que começou seu empreendimento com um empréstimo de apenas vinte e sete dólares em meados de 1970, possibilitando um crescimento expressivo até o tamanho de organização global que ostenta nos dias de hoje.

O autor, na época, ainda acadêmico, morava em Bangladesh, país recém-independente, cercado por pobreza, já que o país vinha de uma guerra pela libertação, sofrendo inundações, secas e monções que acabaram resultando em desespero para milhares de pessoas. Incomodado com a situação, Yunus foi às ruas descobrir o que poderia fazer para ajudar. Viu-se particularmente chocado com a situação de uma mulher que tomara um empréstimo de pequeno valor (5 takas – equivalente a US\$ 0,07) de um agiota para comprar bambu para produzir banquinhos e depois vender. A taxa do empréstimo era exorbitante, chegava a 10% por semana. E com uma condição imposta: teria que vender toda a sua produção ao próprio agiota pelo preço que ele determinasse. Indignado com a situação, já que nestas condições, as mulheres eram praticamente transformadas em escravas, Yunus fez uma lista de nomes de mulheres da aldeia que tinham contraído essa dívida, e por consequência, estavam nas mãos do agiota. A lista completa compreendia 42 nomes.

Estes empréstimos totalizavam 856 takas (cerca de US\$ 27 dólares na época), valor absurdamente baixo para ocasionar tanta miséria. Ele emprestou esta quantia para liberar as mulheres das mãos dos agiotas, e a felicidade das mesmas o fez refletir porque não repetir este gesto para mais pessoas.

Discutiu a ideia com bancos da região, comunidade, desenvolveu e

aperfeiçoou um sistema de empréstimos para os pobres, que foi o embrião do Grameen Bank, hoje com cerca de oito milhões de tomadores de empréstimos, a sua maioria mulheres (97%). O banco empresta mais de 100 milhões de dólares por mês sem garantias com valor médio de cerca de 200 dólares por operação e com uma alta taxa de pagamento: 98% (YUNUS, 2010).

Diante de um cenário tão desafiador em nível mundial - segundo dados da ONU de março/2014 - por volta de 800 milhões de pessoas não tem acesso a uma fonte de água potável e mais de 35% da população ainda vive sem um sistema adequado de saneamento básico, dentre outros grandes problemas, é possível compreender a importância dos negócios sociais (MORAES, 2014).

O mesmo autor aponta algumas características de um negócio social: solucionar problemas sociais deve ser sua atividade-fim; ter foco na população de baixa renda, seus interesses e suas necessidades, ter um produto ou serviço que possa ser comercializado; potencial de escala – possibilidade de replicar o modelo para que mais pessoas tenham acesso aos benefícios; ser lucrativo para não depender de doação e verba de terceiros; e ser inovador – conseguir enxergar soluções nos problemas da sociedade e utilizar meios para implantá-los.

Moraes (2014) ressalta que negócios sociais não são projetos de empresas privadas que caminham separados do seu negócio principal. Também não pode ser chamados negócios sociais programas e projetos assistencialistas. A capacidade de não depender de doações/filantropia/dinheiro público, aliado a uma estrutura robusta e replicável capazes de garantir lucro que tornam o negócio social um agente acelerador de mudanças na sociedade.

É justamente a manutenção da sua sustentabilidade financeira, um dos grandes desafios do modelo de negócio dos negócios sociais. Ideias novas tendem a amadurecer com o tempo, já que a proposta inovadora requer tempo para se fortalecer. Praticamente em todas as fases, o negócio social precisa de ajustes. Iniciativas que envolvem a comunidade no processo precisam treinar os envolvidos, sensibilizar, certamente prejudicando a rentabilidade inicial. Também falta amparo jurídico, pois a legislação ainda não especifica os chamados negócios sociais, tanto no âmbito municipal, estadual e federal, prejudicando a atuação e a expansão. Este fato é imprescindível para fomentar o empreendedorismo nesta área – um ambiente regulatório favorável incentiva novos interessados e traz segurança a todo o processo (MORAES, 2014).

Conforme Oliveira (2004), o empreendedorismo social surge no centro de um mundo marcado pela globalização, com avanços grandiosos da ciência e da tecnologia, porém com um grande paradoxo entre pobreza e riqueza. O emergir das organizações sociais, trabalhando em conjunto com o estado, faz nascer uma nova série de iniciativas voltadas ao enfrentamento da pobreza. Outra abordagem do referido autor, aponta que a produção de conhecimento nacional sobre empreendedorismo social é muito influenciada pela literatura internacional.

Para Parente e Quintão (2014, p. 13), o “conceito de empreendedorismo social encontra suas raízes nos EUA, na década de 1980, nas áreas disciplinares da economia e da gestão, e o termo empreendedor social vulgariza-se nos anos 1990.”

É possível encontrar em autores como Dees (2001; 2009), Mair e Marti (2006) e Nicholls (2006), referências do empreendedorismo aplicadas na esfera das novas práticas sociais emergentes por todo o planeta.

O empreendedorismo social nasce como uma alternativa de confrontação aos desafios sociais, econômicos e ambientais não atendidos de maneira satisfatória pelo Estado. Com o passar do tempo foi sendo estabelecido e validado de acordo com algumas diretrizes: 1) precisa adotar uma missão que cria e mantém valor social – e não apenas valor privado. 2) é necessário buscar continuamente formas de servir a essa missão. 3) o empreendedorismo social também encontra-se em processo dinâmico, com inovações e adaptações constantes (CAPELLO, 2014).

Oliveira (2004) destaca a importância de apresentar aquilo que não pode ser considerado empreendedorismo social: responsabilidade social empresarial, já que esta é organizada pela empresa, mas não é sua missão e seu objetivo principal. Também não pode ser considerada uma profissão, pois não é legalmente constituída e também não é filantropia nem caridade. O autor cita algumas diferenças entre empreendedorismo empresarial e empreendedorismo social: o primeiro é individual, produz bens e serviços, tem foco no mercado, sua medida de desempenho é o lucro e visa satisfazer necessidades de clientes e ampliar as potencialidades do negócio. Enquanto o segundo é coletivo, produz bens e serviços para a comunidade, tem foco na busca de soluções para os problemas sociais, sua medida de desempenho é o impacto social e visa respeitar pessoas da situação de risco social e promovê-las.

Ainda de acordo com Oliveira (2004), é possível considerar empreendedorismo social como: 1) um novo paradigma de intervenção social - pois

mostra uma nova ótica e integração entre os atores e segmentos da sociedade. 2) um processo de gestão social – já que apresenta uma sequência ordenada de ações. 3) uma arte – permite que cada indivíduo atuante como empreendedor aplique suas próprias habilidades, dons e talentos. 4) uma ciência – utiliza meios técnicos e científicos para compreender e agir sobre a realidade social. 5) uma nova tecnologia social – pois sua capacidade de inovação e estratégias de ação formam um ciclo que gera transformação em larga escala. 6) um indutor de auto-organização social – já que não é uma ação isolada, pelo contrário, precisa da participação da sociedade em esforços coordenados a fim de apresentar resultados.

Com relação às características do empreendedor social, Oliveira (2004) apresenta os seguintes pontos:

- Tem como objetivo construir capital social e lucros para melhorar a qualidade de vida em comunidades menos favorecidas;
- Identificam ações necessárias e mais apropriadas às necessidades das pessoas por normalmente conhecerem de perto os problemas;
- Trabalham em parcerias criativas com outras instituições/empresas/organizações;
- São hábeis em usar e capacitar forças antes pouco exploradas ou negligenciadas;
- Conseguem agregar diferentes culturas, tradições, conhecimentos e usá-los de formas criativas para solucionar problemas práticos.

Ao analisar com mais profundidade a diferença relacionada aos aspectos financeiros das organizações, Moraes (2014), destaca as características de cada um dos tipos no Quadro 02:

Quadro 02 - Diferenças entre empresas tradicionais, negócios sociais e organizações não governamentais.

<b>Características</b>	<b>Empresas Tradicionais</b>	<b>Negócios Sociais</b>	<b>Organizações Não Governamentais</b>
<b>Foco</b>	Soluções inovadoras para o mercado	Soluções inovadoras para problemas sociais	Atender necessidades básicas sociais não atendidas pelo governo
<b>Medida de sucesso</b>	Lucro	Impacto social, não excluindo o lucro	Impacto social
<b>Sustentabilidade financeira</b>	Sustentável financeiramente	Sustentável financeiramente	Depende de recursos externos
<b>O que produz</b>	Bens e serviços	Bens e serviços para classes D e E	Serviços e assistência para população carente

Fonte: Moraes (2014, p. 35).

O Quadro 2 demonstra que os negócios sociais assumem características tanto das empresas tradicionais, quanto das organizações não governamentais (ONGs). Assim como uma empresa tradicional, o negócio social tem como foco soluções inovadoras, mas busca esse tipo de solução em um nicho específico: os problemas sociais. Tem essa motivação justamente para apresentar resultados para as classes menos favorecidas, que também são atendidas pelas organizações não governamentais.

Os empreendimentos sociais têm como medidas de resultado o impacto social causado, também levando em consideração o lucro do negócio, conseguindo unir as métricas usadas tanto nos negócios tradicionais quanto nas ONGs. O lucro, diferentemente de uma ONG, é aspecto essencial, já que garante a sustentabilidade financeira do negócio, e conseqüentemente sua continuidade e a garantia de que mais pessoas tenham acesso aos seus produtos/serviços.

Ao se relacionar empreendedorismo social e esporte, encontram-se exemplos de aplicações práticas deste conceito empreendedor transformando a vida de pessoas ao redor do Brasil. Em Feira de Santana, na Bahia, um programa chamado “Pintando a Liberdade e Cidadania” que utiliza o desporto como forma de inclusão social, justamente pela sua capacidade de unir e transformar as pessoas aliado a capacidade de trazer benefícios à saúde e educação. Ainda é capaz de transmitir normas e valores sociais, e também garantir o direito de cidadania. Além de possibilitar a prática de esporte àqueles mais necessitados, o “Pintando a Liberdade e Cidadania” ainda permite a geração de emprego e renda através da confecção dos materiais esportivos utilizados pela própria população atendida pelo programa. Os maiores benefícios percebidos estavam relacionados justamente a essas duas vertentes: inclusão social de crianças e adolescente em situação de risco e a profissionalização e inserção profissional da comunidade (ROSSI JUNIOR et al., 2014).

Ratten (2011), também em seus estudos apontam a relação significativa entre o empreendedorismo social e o esporte. Segundo tal autora, aponta que o conceito de empreendedorismo baseado em esporte, oferece uma estratégia social orientada para o desenvolvimento de negócios relacionados ao esporte. Assim, as implicações para as organizações esportivas envolvidas no empreendedorismo social são declaradas e a importância dos governos em todo o mundo para promover o empreendedorismo social no esporte são destacadas.

Nos Estados Unidos estudos de Cohen e Peachey (2015), examinaram o impacto de uma iniciativa esporte-para-desenvolvimento, o Street Soccer USA, em um dos seus participantes, a fim de compreender suas experiências, expectativas e motivações para se tornar um campeão e empreendedor social.

Outro aspecto importante relacionado aos empreendimentos sociais com foco no esporte diz respeito aos fatores que influenciam na sobrevivência dessas organizações e como ocorre a captação dos recursos necessários à sua continuidade. Estudo realizado com sete organizações empreendedoras deste segmento na Grande São Paulo buscou apontar quais elementos mais influenciam na sobrevivência destas instituições e quais são os fatores facilitadores e os fatores críticos relacionados a continuidade das mesmas. Tal estudo apontou a dependência por uma única fonte de recursos como um fator crítico para a sobrevivência destes empreendimentos. Alguns outros problemas apontados como fatores críticos foram: dependência de recursos incentivados, poucos ou nenhum parceiros diretos, dificuldade para atrair e fidelizar parceiros, etc. Já em relação aos fatores facilitadores, é aspecto essencial a credibilidade da Organização perante o poder público, setor privado e a sociedade. Outros pontos que ajudam na sobrevivência são: possuir projetos com impacto e relevância social, possuir um departamento específico para captação de recursos, celebrar parcerias com diversos segmentos da sociedade, etc. (MOTA, 2015).

Um exemplo bem sucedido de empreendimento social – que também atua na área esportiva – encontra-se na região sul do país. O Bairro de Juventude, situado no município de Criciúma, no Estado de Santa Catarina, presta assistência para 1500 pessoas, de crianças a adolescentes, oferecendo uma diversidade de serviços e atividades – desde assistência social até educação profissionalizante. Especificamente na área esportiva, o Bairro atende 200 crianças e adolescentes entre seis e dezesseis anos através do projeto “Esporte e Lazer”, oferecendo as mais diversas modalidades esportivas: futebol de campo, futsal, vôlei, tênis de mesa, tênis de campo, judô e xadrez, aproximando o indivíduo ao mundo do esporte (BUSARELLO, 2016).

É possível encontrar em estudos como o de Borges (2009), avanços relacionados à prática esportiva no processo de inclusão social. Os beneficiados nesses projetos esportivos vislumbram um futuro diferente profissionalmente, inclusive mudando sua mentalidade quanto a possibilidade de trilhar um caminho

diferente. Outros benefícios são notados: os participantes sentem-se sujeitos ativos e importantes no meio em que vivem, com notada elevação na sua estima e na motivação. Também ocorre a melhoria na qualidade de vida, que se configura no aperfeiçoamento dos aspectos motores, socioafetivos e cognitivos.

A própria Constituição da República de 1988 (BRASIL, 1988) reconhece a importância das atividades desportivas – e do lazer – ao descrever em seu artigo 217 que é dever do Estado fomentar tais práticas, em especial o artigo 3º que destaca o esporte/lazer como forma de promoção social.

## 2.4 CAPTAÇÃO DE RECURSOS

Cruz e Estraviz (2003) descrevem que é possível utilizar várias fontes para realizar a captação de recursos. Por meio de instituições privadas, instituições públicas, pessoas físicas, fundações, eventos e outros. Cada uma delas possui um caminho específico para ser acessada a fim de beneficiar quem precisa do recurso.

Esta seção do trabalho tem como foco mencionar as Leis de Incentivo referentes a Esfera Federal, detalhando apenas a Lei de Incentivo ao Esporte, que é a utilizada pelo Bairro da Juventude para fomentar suas atividades da área esportiva.

As principais leis de incentivo vigentes no país hoje são as seguintes:

### **2.4.1 Lei nº 12.213/10 - Fundo do Idoso**

Esta lei “Institui o Fundo Nacional do Idoso e autoriza deduzir do imposto de renda devido pelas pessoas físicas e jurídicas as doações efetuadas aos Fundos Municipais, Estaduais e Nacional do Idoso (BRASIL, 2010). Para ter acesso a esses recursos, é necessário que as organizações contenham nos seus estatutos a defesa dos direitos do idoso.

### **2.4.2 Lei nº 8.069/90 - Fundos dos direitos da criança e do adolescente**

Tal lei dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, considerando criança a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente quem tem entre doze e dezoito anos de idade (BRASIL, 1991). O artigo 1º esclarece

que esta lei trata da proteção integral a criança e ao adolescente. Também prevê a criação dos fundos e conselhos dos direitos da criança e do adolescente a nível nacional, estadual, distrital e municipal.

A lei 8.242/91 cria o Conselho Nacional da Criança e do Adolescente – CONANDA – e o Fundo Nacional da Criança e do Adolescente – FNCA. (BRASIL, 1991). Diferente do que acontece com outras leis de incentivo quando os repasses podem ser feitos diretamente às Instituições ou aos projetos, o ECA determina que as doações precisam ser direcionadas à esses fundos antes de chegarem ao destino final.

#### **2.4.3 Lei nº 8.313/91 - Lei Rouanet**

A Lei Rouanet favorece empreendimentos sociais que atuem com projetos culturais. A Lei nº 8.313/1991 “institui o Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac)” (BRASIL, 1991). O Pronac tem a finalidade de captar e direcionar os recursos para projetos do setor. Esta Lei é regulamentada pelo Decreto nº 5.761/06 que estabelece algumas diretrizes como: requisitos, exigências e condições para a obtenção de doações e patrocínios por meio desta Lei.

#### **2.4.4 Lei nº 12.715/12 - PRONON e PRONAS**

A Lei trata de incentivos fiscais concedidos a projetos vinculados ao PRONON – Programa Nacional de Apoio à Atenção Oncológica e ao PRONAS – Programa Nacional de Apoio à Atenção da Saúde da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2012b).

O Pronon concede incentivo fiscal a “ações e serviços de atenção oncológica, desenvolvidos por instituições de prevenção e combate ao câncer” (BRASIL, 2012) enquanto o Pronas tem a finalidade de “captar e canalizar recursos destinados a estimular e desenvolver a prevenção e a reabilitação da pessoa com deficiência” (BRASIL, 2012).



#### **2.4.5 Lei nº 11.438/06 - Lei de incentivo ao Esporte**

Também conhecida com Lei de Incentivo ao Esporte, a Lei Federal 11.438/06 “dispõe sobre incentivos e benefícios para fomentar as atividades de caráter desportivo” (BRASIL, 2006). Ela foi criada com o objetivo de proporcionar “apoio direto a projetos desportivos e paradesportivos previamente aprovados pelo Ministério do Esporte”. É regulamentada pelo Decreto nº 6.180/07, e tem suas regras sobre avaliação, tramitação e aprovação, assim como todos os procedimentos referentes à captação, acompanhamento e monitoramento de execução e prestação de contas estabelecido pela Portaria nº 120/09 do Ministério do Esporte.

Esta Lei permite que, tanto empresas quanto pessoas físicas, invistam parte do que pagariam de Imposto de Renda em projetos esportivos previamente aprovados no Ministério do Esporte. Empresas podem destinar até 1% desse valor e as pessoas físicas até 6% do imposto devido (BRASIL, 2006). Os projetos que podem ser beneficiados pela Lei estão divididos em 3 categorias:

- Desporto educacional: tem como público-alvo alunos matriculados nas escolas e seu objetivo é desenvolver a cidadania estimulando a prática do esporte como lazer;
- Desporto de participação: compreende as modalidades esportivas que visam contribuir para a integração dos participantes no âmbito social, na promoção da saúde e educação e também na preservação do meio ambiente;
- Desporto de rendimento: tem como finalidade a conquista de resultados e a integração entre pessoas e comunidades. Caracteriza-se pela competitividade e premiação.

A Instituição que tem interesse em captar os recursos destinados a esse fim deve se registrar no Ministério do Esporte, estando assim apta a apresentar os projetos (BRASIL, 2007). É o Ministério que fica responsável pela análise, deferimento e supervisionamento da aplicação dos recursos (Quadro 03).

## Quadro 03 - Resumo Processo de Captação Lei de Incentivo ao Esporte

<b>Lei Federal</b>	Lei 11.438/06 e Decreto 6.180/07
<b>Área de atuação</b>	Esporte
<b>Órgão Regulador</b>	Ministério do Esporte
<b>Requisitos</b>	Cadastro no Ministério do Esporte
	Instituição sem fins lucrativos
	Legalmente constituída há pelo menos 1 ano
	Necessário constar sua finalidade esportiva no estatuto
<b>Destinação dos Recursos</b>	3 categorias:
	- Desporto educacional
	- Desporto de participação
	- Desporto de rendimento

Fonte: Elaborado pelo autor a partir da Lei 11.438/06.

### 3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Um método consiste em um processo para alcançar determinado objetivo. Um método científico, já que o intuito da ciência é buscar conhecimento, é um conjunto de ferramentas que busca chegar ao conhecimento (PRODANOV; FREITAS, 2013).

#### 3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

A presente pesquisa utilizou dados primários e secundários. Com base em Mattar (1996), dados primários são aqueles que ainda não foram coletados antes, estando em posse dos pesquisados e têm o objetivo de preencher necessidades específicas da pesquisa. Já os dados secundários já foram coletados, tratados e, por vezes, até analisados. Estes dados estão à disposição dos interessados.

Optou-se pela pesquisa com abordagem qualitativa, a qual, segundo Sampieri, Collado e Lucio (2006) é utilizada para descobrir e aprimorar as questões de pesquisa. Normalmente utiliza a coleta de dados sem medições numéricas, como observações e descrições. Tem o propósito de refazer a realidade pela observação dos atores do sistema social.

O tipo de pesquisa utilizado é a pesquisa descritiva, que busca esmiuçar as propriedades e as características mais importantes daquilo que está sendo analisado (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2006). Quanto aos fins pode-se considerar como pesquisa aplicada e quanto aos meios de investigação é um estudo de caso. Segundo Silveira e Córdova (2009, p. 35) a pesquisa aplicada “objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais”. Conforme Yin (2001), para uma pesquisa ser caracterizada como estudo de caso são necessários alguns procedimentos metodológicos, como protocolo de estudo, preparação prévia para trabalho no campo, etc. Mas o mais importante: o estudo de caso deve ser significativo. Um estudo de caso proveitoso é aquele de interesse público e que seu tema seja relevante.

Assim, os dados primários foram coletados com gestores, diretores da área de esportes e famílias atendidas. Já os dados secundários foram obtidos a

partir de relatórios fornecidos pela própria Instituição: Relatório de Apresentação de Resultados 2015 e Relatório de Atividades 2016, bem como no próprio site da organização em estudo.

O período da coleta de dados é o corte transversal que, segundo Richardson (1999), referem-se aos dados coletados em um determinado ponto no tempo, baseados em uma amostra escolhida para relatar uma população neste determinado momento.

### 3.2 DEFINIÇÃO DA ÁREA E POPULAÇÃO-ALVO

Trata-se de um estudo de caso realizado no Bairro da Juventude, Instituição que busca soluções para problemas sociais por meio de uma diversidade de serviços oferecidos para a população de Criciúma e região. Foi criada no dia 1 de setembro de 1949 pelo Rotary Clube, quando ainda se chamava SCAN – Sociedade Criciumense de Apoio aos Necessitados, funcionando como internato até o ano de 1975, quando foi entregue pelos padres às forças vivas da comunidade, que elegeram o primeiro Conselho Deliberativo, que administra o Bairro até os dias de hoje (BAIRRO DA JUVENTUDE, 2017).

Atualmente atende aproximadamente 1.500 alunos, proporcionando inclusão social e garantindo o pleno exercício da cidadania através da educação solidária, cultura, esporte e profissionalização. O Bairro da Juventude disponibiliza Educação Infantil, Ensino Fundamental, Laboratórios Educativos, Oficinas Culturais e Esportivas, Educação Profissional e Serviços de Apoio. Também oferece cursos profissionalizantes nas áreas de Mecânica de Automóveis, Eletricista de Manutenção Eletroeletrônica, Programador de Computador, Mecânica Geral, Cozinheiro Industrial e Padeiro & Confeiteiro (BAIRRO DA JUVENTUDE, 2017).

### 3.3 PLANO DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

Os dados foram coletados em relatórios fornecidos pela Instituição e por meio de entrevistas com três públicos distintos: entrevista – Quadro 04 – realizada com dois gestores; entrevista – Quadro 05 – aplicada com o diretor de captação da Instituição – todos os entrevistados trabalham há mais de 12 anos no Bairro;

entrevista – Quadro 06 – executada com 4 familiares dos assistidos pelo bairro da Juventude.

No Quadro 04 observa-se que os questionamentos centraram primeiro para evidenciar a trajetória histórica da área de esporte na Instituição e a percepção do gestor referente a importância destas atividades.

#### Quadro 04 – Roteiro entrevista com gestores

- 1 – Há quanto tempo trabalha na Instituição?
- 2 – Qual a função que ocupa?
- 3 – Quais as modalidades esportivas oferecidas pelo Bairro?
- 4 – De que forma acredita que o esporte pode transformar a vida de uma criança?
- 5 – A área de esportes do Bairro existe desde quando?
- 6 – Quais foram as primeiras modalidades oferecidas?
- 7 – Quantas crianças eram atendidas?
- 8 – De que forma ocorreu a estruturação da área até oferecer várias modalidades como ocorre hoje?
- 9 – Existem mais projetos na área de esportes para o futuro?
- 10 – Em qual situação social se encontram as crianças atendidas pelo setor de esportes do Bairro?
- 11 – De que forma as atividades esportivas desenvolvidas impactam a vida das crianças?
- 12 – É possível mensurar o impacto causado pelo esporte na vida das crianças?
- 13 – Estes impactos são sentidos em quanto tempo?

Fonte: Elaborado pelo autor

No Quadro 05 observa-se que os questionamentos centraram prioritariamente na questão da captação de recursos para a atividade.

#### Quadro 05 – Roteiro entrevista com diretor

- 1 – Todas as perguntas se referem a área de Esportes da Instituição. Financeiramente, como os projetos conseguem se manter?
- 2 – A captação de recursos se dá através de quais fontes?
- 3 – Como ocorre essa captação?
- 4 – Qual é a importância de possuir várias fontes de captação de recursos?
- 5 – O próprio Bairro da Juventude faz os projetos para captação? Existe um setor específico para isso?

Fonte: Elaborado pelo autor

Já no Quadro 06 os questionamentos aos familiares focam na percepção destes em mudanças ocorridas com as crianças na prática esportiva.

#### Quadro 06 – Roteiro entrevista com famílias de crianças atendidas

- 1 – Quantos filhos têm na Instituição? Há quanto tempo eles estão no Bairro?
- 2 – Qual a idade das crianças?
- 3 – Gostam de praticar esportes?
- 4 – Quais as modalidades esportivas praticadas pela criança?
- 5 – Por que a escolha pelo Bairro da Juventude?
- 6 – É possível perceber mudanças na criança desde que ingressou no Bairro?
- 7 – Quais são as mudanças mais perceptíveis em função do esporte?

- |  |
|--|
| 8 – Houve alguma situação específica que você lembre e queria contar, sobre a mudança que o esporte fez na vida do seu filho e sua família?<br>9 – A criança tem o sonho/desejo de virar um atleta profissional da modalidade? |
|--|

Fonte: Elaborado pelo autor

As entrevistas foram realizadas na própria Instituição, no período de 12 a 18 de maio do ano de 2017. Elas foram gravadas – com as famílias, em torno de 10 minutos cada, e com os gestores, mais de 1 hora – e transcritas literalmente. Os dados foram analisados qualitativamente. Todos os nomes de funcionários e alunos citados nas entrevistas, e empresas quando associados a valores foram substituídos pelo pesquisador a fim de não serem identificados.

Nos fragmentos das entrevistas estão identificados os entrevistados da seguinte forma: pela função (gestor, diretor) e no caso dos familiares como família e, neste caso, as entrevistas são numeradas pela ordem de realização, a saber: Família 1, Família 2 e assim sucessivamente.

Os dados coletados foram analisados a partir do referencial teórico capturado, buscando correlações entre eles. As entrevistas buscaram a percepção do público atendido e dos gestores na evolução das crianças e jovens atendidos referentes as suas performances escolares, desportiva e atitudinais.

### 3.4 SÍNTESE DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Quadro 07 - Síntese dos Procedimentos Metodológicos

<b>Objetivos específicos</b>	<b>Abordagem</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Dados</b>	<b>Coleta dos dados</b>	<b>Análise dos dados</b>
Identificar como se deu a estruturação e consolidação da área de esportes dentro da história do Bairro da Juventude	Qualitativa	Descritiva	Primários	Entrevistas com gestores e com diretor	Qualitativa
Verificar como ocorre a captação de recursos – público e privada – na Instituição com foco no esporte			Primários	Entrevista com o diretor	
Analisar os impactos na população atendida pelas ações do empreendedorismo social – esporte			Primários e secundários	Entrevistas com os gestores e com as famílias	

Fonte: Elaborado pelo autor

## 4 RESULTADOS

Os resultados da pesquisa são apresentados separadamente, pontuando cada objetivo específico: 1) Identificar como se deu a estruturação e consolidação da área de esportes dentro da história do Bairro da Juventude, 2) Verificar como ocorre a captação de recursos – público e privada – na Instituição com foco no esporte e 3) Identificar como a população atendida e seus gestores percebem os benefícios das atividades esportivas desenvolvidas pelo empreendimento social.

### 4.1 ESTRUTURAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DA ÁREA DE ESPORTES

Conforme os dados coletados pelas entrevistas, a área de esportes da Instituição está estruturada de forma a levar a criança a desenvolver-se como cidadã, assim o trabalho não focaliza resultados em termos de competição.

O Bairro trabalha com esporte num movimento muito mais relacionado a assegurar o **desenvolvimento integral da criança** do que uma atividade competitiva. Então nós **não trabalhamos com rendimento**, nós não formamos atletas. [...] Todas as modalidades esportivas que temos são ferramentas pro (sic) desenvolvimento integral da criança e do adolescente e nesse sentido todas elas têm esse intuito de **promover e incentivar** o esporte no intuito de fazer essa promoção” (Gestor 1). Grifo nosso

Tanto que o Gestor 2 afirma que, apesar de serem comemorados, os bons resultados em competições não são levados em consideração no momento de avaliação dos professores.

**Nós comemoramos as vitórias**, então assim, eles vêm, eles trazem as medalhas, a gente parabeniza, eles contam, eles mostram pros (sic) colegas porque eu acho que isso faz parte né [...] Mas a gente não vai ficar cobrando. **A avaliação não vai ser essa**. Nós não vamos dizer pro (sic) professor assim no final do ano: ó professor, você participou de 10 competições e só ganhou 1 ou não ganhou nada né, não foi pro (sic) pódio nenhuma vez, não, **isso jamais vai ser a nossa avaliação** (Gestor 2). Grifo nosso

Já o Gestor 1 também salienta: “Não, até dizemos, nós visitamos Urussanga, enfim, fomos em tantas cidades, participamos de tantos eventos. Se nós ganhamos ou perdemos não nos interessa.”

No início das atividades do Bairro, com relação a estrutura do setor de esportes, o futebol era a única modalidade esportiva oferecida e são dois momentos que marcaram as transformações implantadas na Instituição. A primeira mudança



nesse panorama aconteceu na década de 90, quando do ingresso do Diretor que implantou, na época, um projeto também de voleibol.

Como eu falei tinha futebol quando eu cheguei no Bairro e em seguida eu consegui **implantar** um projetinho patrocinado de **vôlei** [...] Então eu diria que **ali foi a primeira ampliação**. Passou a ter vôlei e futebol, mais ou menos em 1992, 1993 (Diretor). Grifo nosso

O segundo momento – de maior estruturação – está diretamente relacionado à criação da Lei de Incentivo ao Esporte, no ano de 2006, a qual permite que pessoas físicas e também empresas que apuram resultados pelo Lucro Real invistam um percentual que seria pago no Imposto de Renda em projetos esportivos aprovados pelo Ministério dos Esportes. Empresas podem contribuir com até 1% do imposto devido enquanto pessoas físicas com até 6% (BRASIL, 2006).

E mais estruturado, organizado foi a partir da **Lei de Incentivo ao Esporte**, com toda a certeza [...] eu tomei conhecimento que tinha um seminário em Brasília em 2007 [...] O governo estava divulgando a Lei e explicando como funcionava né, então nós **fomos pra Brasília**, isso em 2007, ou 2008 eu não me recordo direito e entramos com o primeiro projeto e levou quase **dois anos para aprová-lo**, a partir do momento que ele **aprovou, tudo mudou** porque passou a ter **recursos** pras coisas funcionarem (Diretor). Grifo nosso

Hoje, o esporte está consolidado na Instituição, uma vez que o Bairro da Juventude oferece diversas modalidades – das mais tradicionais até as menos conhecidas – para crianças e adolescente até 14 anos, conforme observa-se na fala do Gestor 1:

A modalidade do futebol é muito forte, o futsal é muito forte, o voleibol tá se caracterizando agora como uma força [...], o badminton surgiu com muita força [...], o xadrez [...], tênis de mesa com muito sucesso. Nós temos o jiu-jitsu, o karatê, **tantos** que a memória não ajuda, tênis de campo, futebol, capoeira [...] acho que é isso.

A atual realidade da área esportiva permite além da diversidade de modalidades oferecidas, um número muito maior de crianças atendidas e beneficiadas com todo o suporte oferecido pela Instituição conforme pode-se observar na próxima seção deste trabalho.

#### 4.2 CAPTAÇÃO DE RECURSOS COM FOCO NO ESPORTE

Como já mencionado, a captação de recursos, por meio da Lei de Incentivo ao Esporte teve papel fundamental na transformação da realidade esportiva da Instituição.

Conforme já declarado anteriormente pelo diretor, a partir desta Lei foi possível ampliar o atendimento e a quantidade de modalidades – e também estrutura – oferecidas às crianças que frequentam o Bairro. Durante a entrevista, em alguns momentos ele citou a diversidade de fontes que existem para captação de recursos, o que corrobora com o que diz Cruz e Estraviz (2003), mas que para as atividades esportivas é a Lei de Incentivo ao Esporte que fomenta as atividades.

Mesmo sem conseguir quantificar, o diretor afirma que o impacto da captação por intermédio da Lei de Incentivo ao Esporte é grande:

Isso **eu não saberia te quantificar** (medir o impacto), mas atendia só futebol mais ou menos 100 crianças, passou pra 300, 400 jovens atendidos. [...] **Triplicou** com toda a certeza porque também a **diversidade de atividades** passou a ser maior. [...] Então isso ampliou a quantidade de pessoas e a quantidade de atividades (Diretor). Grifo nosso

Os projetos são elaborados pela própria Instituição, por funcionários do Bairro que fazem todo o projeto – desde a criação, captação, até o acompanhamento dos resultados – para posterior apresentação aos patrocinadores.

Quem **busca fontes sou eu, quem escreve sou eu**. O [...] *funcionário* escreve um pouco sobre avaliação, a [...] *funcionária* depois faz o operacional, registra foto, ela acompanha a execução do projeto, eu não acompanho a execução, eu acompanho a captação, a elaboração, a aprovação e captação. O [...] *funcionário* é a **operação**, no sentido professor, atividades e a [...] *funcionária* meio que **acompanha** o dia a dia das atividades pra fazer os registros, pra depois ir pros **relatórios** (Diretor). Grifo nosso

Todas as atividades esportivas do Bairro são financiadas pela Lei. “Todas as atividades do Bairro. Tudo que tem de esporte no Bairro hoje, ele é via Ministério dos Esportes, Lei do Incentivo ao Esporte” (Diretor).

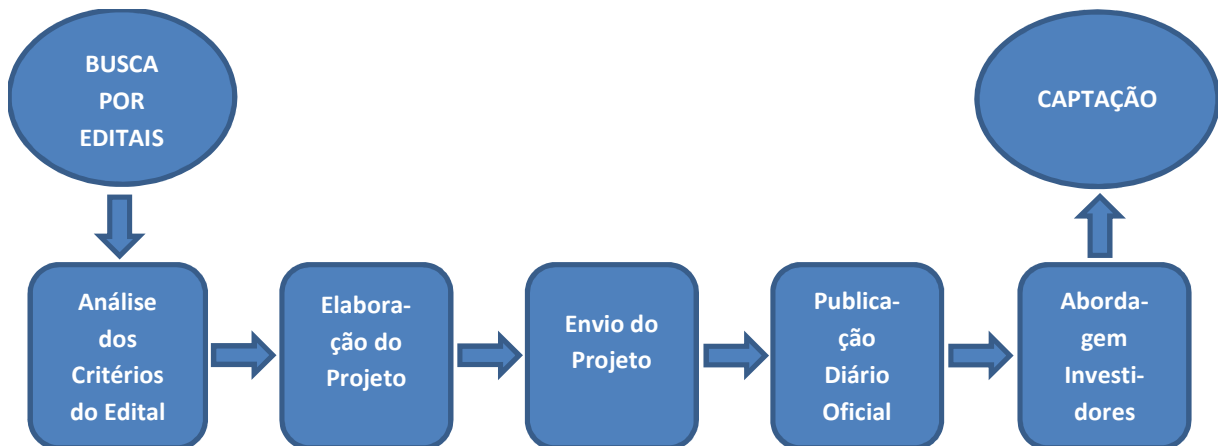
O diretor explica o funcionamento da parte operacional da captação, evidenciando o que a própria Lei de Incentivo ao Esporte (2006) oferece:

A Lei de Incentivo ao Esporte é interessante, mas isso não quer dizer que você aprovou o projeto, você tem recursos, você aprova o projeto lá em Brasília que é burocrático, primeiro é desgastante [...] Então a Lei de Incentivo, tu **aprova o projeto**, ele te **dá o direito de buscar o recurso** em **empresas** que tem **faturamento sobre o Lucro Real**, se ela tem faturamento sobre o Lucro Real ela vai pagar imposto, **tu pode ir lá e pedir pra ela**: olha você vai pagar 100% do seu imposto, você pode pegar 1% e destina pro esporte (Diretor). Grifo nosso

O Quadro 6 apresenta um fluxograma de como ocorre a captação de recursos pelo Bairro da Juventude. O colaborador do Bairro, que é o próprio professor busca os editais, analisa os critérios exigidos e elabora o projeto. Após ele

é enviado e com a publicação no Diário Oficial a Instituição aborda possíveis investidores para que ocorra a doação do percentual permitido por lei (Figura 01).

Figura 01 - Fluxograma Captação de Recursos



Fonte: Elaborador pelo autor

Os projetos podem ter prazo de até 24 meses, mas os elaborados pela Instituição têm prazo de 12 meses e valores em torno de 1 milhão de reais, que não significa que serão captados integralmente. Nesse caso é necessário fazer toda a adequação do projeto, resultando em mais burocracia e tornando-o mais dispendioso.

Tu elabora um projeto, tu que escolhes o tempo, se eu não to (sic) enganando são até 24 meses, nós fizemos 12 meses, que acho que é o mínimo que o Ministério pede nos moldes do nosso [...] **O Projeto feito de 1 milhão e 100 mil, captamos 600 mil, tu tens que pegar e refazer**, pegar o projeto de 1 milhão que foi aprovado, **adequar os orçamentos** e as atividades a 600 mil, isso parece ser simples, pra nós é, se faz em 10 dias, agora pro Ministério pegar e ver que 1 milhão virou 600 mil e o que vai ser feito demora quatro, cinco, seis meses depende (Diretor). Grifo nosso

Com relação aos patrocinadores – empresas que destinam parte do imposto devido aos projetos – a grande maioria é de companhias da região. O fato de o Bairro ser reconhecido como uma Instituição com credibilidade e a transparência nas relações e apresentação de resultados, ajuda na mobilização dos recursos por meio das redes de contato que o Bairro fez ao longo dos anos.

[...] o Bairro tem a **credibilidade** e a gente faz um trabalho de **fidelização e transparência** muito forte, todo projeto lança um, encerra o outro e aí nós temos os relatórios de todos os projetos, **cada empresa recebe um relatório** personalizado com a marca dela, os materiais que foram produzidos, o que foi feito, o que não foi feito, os resultados. [...] 99% são empresas da região, mas nós temos do Estado, temos de Joinville, tem de

Brusque, já teve Oi, Nestlé, o resto é daqui da região. [...] a gente procura fidelizar cada parceiro e é muito difícil a gente não ter a empresa renovando conosco. Nós estamos na **6ª edição** e tem empresa desde o primeiro (Diretor).

O Quadro 8 evidencia os patrocinadores da área esportiva do Bairro da Juventude. Como o diretor disse em entrevista muitos deles são empresas da região, porém há empresas distantes que observam na transparência a viabilidade de destinar recursos para a causa (Figura 02).

Figura 02 - Patrocinadores Bairro da Juventude – Esporte

# APOIADORES



Fonte: Relatório Apresentação Resultados Bairro do Juventude 2015

Por fim, o Diretor também explica a captação por meio de pessoas físicas, ressaltando que a Instituição tem essa prática, mas concentra seus esforços nas empresas, pela quantidade de dinheiro que as mesmas têm condições de aportar, significativamente maior que a das pessoas físicas:

Vale a pena? Até vale, mas a gente como tem empresa, e uma pessoa física fez depósito hoje lá em Florianópolis pra nós: R\$ 1.600,00, sabe, tu **demanda força**, entra e vai 1.600,00 reais.. É ruim? Não, é que é 1 ano 1.600,00 reais, agora eu vou focar numa empresa que a [...] *nome da empresa* bota no ano R\$ 30.000,00, então é volume, não é que se despreze não, só que o **nosso foco é empresa** (Diretor). Grifo nosso

A questão também abordada é o tempo e as demandas que para cada um dos tipos de doadores acaba sendo necessárias. Por este motivo o foco acaba sendo as empresas, pois a possibilidade de fidelização é maior, principalmente devido a possibilidade do uso desta doação como *marketing* social pela empresa doadora.

#### 4.3 IMPACTOS NA POPULAÇÃO ATENDIDA

É importante ressaltar que o Bairro atende crianças em situação de vulnerabilidade social, que vai além da questão financeira, como explica o Gestor 1:

Não tem apenas a relação financeira, além da **relação financeira**, tem uma **relação familiar**, às vezes a criança mora apenas com o tio, ou mora apenas com a mãe porque o pai está preso, ou mora com os pais mas são extremamente pobres, ou mora com o pai e ele é alcólatra, enfim, cada um é um universo né, então é esse o perfil, são crianças que sofrem algum tipo de **violência** também, as vezes **física**, **psicológica**, até **sexual** a gente recebe e é esse é o perfil que a gente atende. Grifo nosso

Em alguns casos a situação financeira é boa, mas a estrutura familiar é comprometida.

É a **estrutura familiar** como um todo. Tanto é que tem pessoas que trazem seus filhos com o carro, tudo bem tranquilo, mas o cara tá (sic) dopado, porque ele é depressivo extremo e a esposa já se suicidou e ele tá com os dois filhos pra criar, mas ele trabalha, ganha o seu dinheiro, tem sua dignidade financeira só que o resto tá (sic) **desmontado** (Gestor 1). Grifo nosso

É necessária e relevante a percepção a respeito da situação que se encontram as famílias, pois muitas vezes, de acordo com os entrevistados, a escolha do Bairro da Juventude se dá justamente pelo apoio que a Instituição presta não só às crianças, mas também aos familiares.

Na minha opinião é uma escola bem rígida. [...] bem **compromissada com a família**, inclusive com a família né, de tanto demonstrar apoio pra família quando a família precisa, quando tem uma reclamação, algum problema que as vezes afeta da escola em casa, ou de casa na escola, então a gente tá sempre unido pra tentar resolver da melhor forma. Isso aí eu gosto no Bairro, que não é aquela coisa que saiu da escola adeus. Buscam a gente se tem alguma coisa em casa, **tá (sic) sempre apoiando esse lado familiar**, eu acho que é uma escola bem inteira, bem junto com a família. [...] Sempre dando um apoio, um conselho, alguma coisa pra ajudar tanto os pais quanto os filhos. Apoio além da escola (Família 1). Grifo nosso

“Porque o Bairro da Juventude é o dia todo e ele é muito social, ele é muito de ajudar as pessoas, falar do Bairro pra mim é uma mãe, é uma mãe porque sempre que a gente precisa de alguma coisa, uma cesta básica tal [...] eu acho muito social, ajuda muito a gente, muito familiar” (Família 2).

“Representa uma família (O Bairro). Os coordenadores, os professores, enfim, cada reunião que a gente vem aqui a gente é bem recebido, bem tratado. [...] O Bairro é 10, é excelente. Eu recomendo pra muitas famílias colocar os filhos aqui” (Família 4).

Apesar da dificuldade em mensurar os impactos causados apenas pelas atividades esportivas desenvolvidas no Bairro, tanto familiares quanto gestores acreditam que a vida das crianças realmente é impactada pelas mais diversas modalidades oferecidas pela Instituição.

Dá de perceber bastante. Influencia assim nos **estudos**, na **mente**, na **concentração**, eles focam mais, [...] ele chega em casa e fala sobre isso: **porque hoje eu melhorei**. [...] Disciplina né, e a educação também, que a gente tem que saber respeitar o espaço, o limite dos outros, que não é sempre só ganhar, tem que saber perder também, eles aprenderam isso bastante. Ele não sabia perder, agora quando ele perde ele chega em casa mais tranquilo (Família 3). Grifo nosso

A Família 4 também evidencia que a partir da disciplina que o esporte oferece, modifica o comportamento e o rendimento escolar dos estudantes. Outro fator comentado foi a melhoria na convivência doméstica, com uma melhoria no respeito.

Ah sim com certeza, bastante, eu tiro pelas **notas**, nos estudos, na **disciplina**, mudou muita coisa [...]. Várias coisas melhoraram bastante, só que eu não sei dizer o certo em que melhorou, mas melhorou assim, a **convivência em casa**, a educação principalmente, a educação mesmo é fora do normal, mudou bastante. O **respeito** pelas pessoas, respeita todo mundo, independente de ser grande, ser pequeno, ser mais velho, mais novo, respeita todo mundo, mudou bastante (Família 4). Grifo nosso

O Gestor 1 também comenta que o esporte colabora com uma cultura de paz, já que o respeito com o coletivo é valorizado.

É possível dizer que o esporte colabora e essa filosofia de trabalho colabora com a cultura de paz, por exemplo, não me lembro desde quando a gente começou a trabalhar com esporte de brigas entre equipes. [...] E eu acho que isso trouxe a cultura de paz, porque eu não me lembro de alguém brigar por causa de jogo. [...] Isso acaba transcendendo o espaço do esporte, vou dar um exemplo: quando a gente vai pro refeitório: nós alimentamos ali quinhentas e poucas crianças ao mesmo tempo, elas pegam talher, garfo, faca, elas comem juntas, levantam fazem a fila, lancham, entregam o prato de vidro, a faca, o garfo eu penso que de alguma forma o esporte também colabora com isso, porque eu estar num coletivo e respeitar que o coletivo tem uma regra que é comum a todos, o esporte tem isso né, eu faço parte de um time, tem as regras, tem o tempo, tem o momento de sair o momento de entrar, o aquecimento... Eu acho que isso acaba transcendendo, sai fora porque quando chega no refeitório a criança pensa: bom, essa regra é da equipe, eu tenho o meu grupo aqui então.. Eu acredito que chega, em alguma medida sempre chega (Gestor 1).

As melhorias mais facilmente notadas estão relacionados diretamente a saúde das crianças, como relata a Família 1:

A **saúde** porque ele é alérgico né, ele tem problema de rinite alérgica, pra dormir a respiração dele tem bastante dificuldade, [...] mas depois da **natação** ele **dormiu melhor** e o **comportamento** dele **acalmou**, que ele era meio agitado, meio brigãozinho né, na escola e tudo, esse ano mesmo só tive elogios dele desde o início do ano. Grifo nosso

A Família 4 também acredita nos benefícios da prática esportiva associada as questões da saúde: “Eu vejo que melhorou. Qualquer resfriado ela ficava doente e nunca mais teve esses problemas, talvez seja por isso. Ela não sabia nada e aprendeu a nadar e hoje ela sabe nadar. Ela não tem medo de praticar tipo nenhum de esporte.”

Mas os benefícios vão além do bem-estar e ultrapassam os limites da própria família, influenciando mais pessoas:

Eu vou trazer um caso e desse caso a gente pode até ampliar um pouquinho. A mãe traz o **menino com a parte do membro esquerdo amputado**, não tem parte do braço. O menino não se sente limitado, tem força, a mãe acha que ele é limitado. A mãe quer zelar, cuidar e a gente percebe que o menino diz: não, deixa comigo, eu vou (praticar esportes) e a mãe não calma, e é uma questão do amor materno, o zelo pela criança, a preocupação e o que a gente faz: afasta a mãe um pouco disso, vamos deixar esse guri voar né, e quando ele decola e ele apresenta que pode, a mãe ela entra em êxtase né, aquilo que era um problema pra mãe passa a ser um orgulho, então a mãe diz: o meu filho que eu achava que não poderia passa a poder, [...] **aquele ciclo se quebra ali e se quebra e causa impacto num coletivo um pouco maior**. [...] Então impacta na comunidade, esse menino sabe, ele consegue, foi lá aprendeu.. Aonde foi isso? Quem fez isso? [...] Uma coisa que é percepção minha que pode não ser – é uma das – várias mas que ao possibilitar o acesso dessas crianças a essas atividades se abre uma perspectiva de vida que elas não teriam se não estivessem aqui (Gestor 1).

Visão partilhada também pelo Gestor 2, acrescentando os aspectos relacionados à valorização da criança dentro do ambiente familiar:

Algumas famílias não enxergavam a criança. A criança era um indivíduo e precisava crescer rápido para trabalhar, pra algumas famílias, to (sic) falando de forma generalizada. Quando aquele indivíduo apresenta algo novo pra eles, que ele pode fazer, a família começa a olhar pra ele diferente também. Então eu preciso sair para um campeonato, ou tenho uma atividade ou ele chega com uma chuteira porque ele faz parte de uma equipe, e a mãe: de onde é essa chuteira? Ele faz parte da equipe, a mãe: tu faz parte de equipe? Porque pra essa comunidade isso é muito importante, porque elas não estão acostumadas com isso, [...] então isso traz para a família valor humano que eles achavam que a criança não tinha. Cresce rapaz, aquela coisa, vamos piá cresce rápido que tu tem mais o que fazer, e aí ela começa: não, ele é importante, ele tem importância, se o **Bairro tá dando importância** preciso dar também. [...] Então tem um pouco de orgulho, um pouco de senso de responsabilidade, de compromisso que de fato se dissemina (Gestor 2). Grifo nosso

Os números do ano de 2016 mostram a quantidade de atendimentos em cada modalidade esportiva oferecida pelo Bairro do Juventude. Os dados são semanais e “atendimentos” se referem a quantas vezes a modalidade esportiva é praticada, podendo uma mesma criança ser atendida 2 vezes, caso ela pratique determinado esporte mais de uma vez durante a mesma semana (Figura 03).

Figura 03 - Números de atendimentos por modalidade 2016



Fonte: Relatório de Atividades 2016 Bairro da Juventude

É possível afirmar que a prática esportiva também fortalece os laços familiares, já que os entrevistados relatam a alegria, motivação e interesse das crianças ao chegar em casa e contar para os familiares o que acontece no Bairro.

Eu senti ele mais assim, [...] ele é meio descansado e a natação ele se interessou, chega a natação ele arruma as coisas dele, ele conta sobre a natação, o pai dele levou ele agora no verão no rio, soltou e ele nadou bem,



gosta de ir nas lagoas, convida a irmã, que a irmã tem medo de água, então eu achei que a natação ele se interessou bastante, bastante mesmo. Ele **aprendeu a nadar aqui**. A menina tem medo de água, [...] mas ele já tá incentivando e ela tá louca pra chegar o ano que vem, que é a partir do 6º ano que eles começam a ter essa atividade e ela tá louca pra aprender. Aí ela fica fazendo pergunta pra ele. Ele já botou essa vontade nela (Família 1).

Outra família mostra também que o esporte aumenta a interação e o diálogo familiar, como também o rendimento escolar.

Quando ela chega em casa, eu sempre pergunto e ela já me fala como foi o jogo, se ganharam se perderam, enfim, ela fala sobre o jogo, pergunto como é que foi, e ela me responde. [...] Eu percebo que melhora (rendimento na escola) porque é uma coisa que ela gosta de fazer, ela gosta de fazer e ela se anima e as notas dela são muito boas, sempre notas boas, no meu modo de ver o esporte é um incentivo pras notas da escola (Família 4).

Ao finalizar a pesquisa, percebemos que os gestores da Instituição estão comprometidos com sua missão de “Promover e oportunizar a transformação social, por meio da formação integral e assistência social, com processos educacionais humanizados, com processos educacionais humanizados para crianças, adolescentes, jovens e suas famílias.” É possível constatar a sintonia entre Missão e colaboradores, buscando de fato alcançá-la.

Para as famílias, também é perceptível a diferença que o Bairro faz – para melhor – não só na vida das crianças e jovens atendidos, mas também dos familiares e do próprio ambiente em que estão inseridos, deixando claro que o Bairro da Juventude é uma Instituição promotora de desenvolvimento local.

## 5 CONCLUSÃO

O presente trabalho buscou descrever como ocorre a captação e gestão dos recursos, bem como a percepção da população atendida e seus gestores na área de esportes do empreendimento Social Bairro da Juventude, município de Criciúma, Santa Catarina.

O Bairro da Juventude, na sua totalidade – e não apenas a área de esportes, que é o objeto de estudo deste trabalho – é um empreendimento social que transforma a vida das pessoas atendidas e conseqüentemente toda uma região. Apesar de, como já mencionado no trabalho, empreendedorismo social ser assunto relativamente novo em estudo no nosso país, a Instituição já vem a mais de 60 anos atuando neste campo com competência.

Este trabalho evidenciou a importância de uma efetiva administração num setor em que a gestão dos recursos precisa ser transparente e eficiente, sob o risco de – no próximo período – seja mês, ano, ou ciclo as verbas advindas das mais variadas fontes não esteja mais disponível.

Através deste estudo, foi possível identificar os dois momentos de maior transformação que a esfera esportiva do Bairro sofreu: o primeiro na década de 90 e o segundo – o mais relevante em termos de impacto – já na década seguinte, por volta de 2008, quando da implantação da Lei de Incentivo ao Esporte, que já está diretamente ligada ao próximo objetivo específico, a captação de recursos com foco no esporte. É importante perceber que o poder público pode ser um aliado das Instituições com foco no empreendedorismo social, e neste caso especificamente por meio de legislação que possibilita o financiamento tanto por parte de pessoas jurídicas quanto de pessoas físicas.

Ainda são necessários meios para desburocratizar o processo de aprovação/acompanhamento/liberação dos projetos e recursos transferidos das empresas e cidadãos para estas Entidades, mas esse talvez seja o ônus de vivermos em um país permeado por corrupção em vários níveis da sociedade. O Sucesso da Lei de Incentivo ao Esporte, que desde a sua implementação no ano de 2007, até o ano de 2016 já captou quase 2 bilhões de reais para o esporte trabalhado tanto como forma de lazer, forma de educação e projetos de alto rendimento é uma esperança em favor das políticas públicas trabalhadas de forma honesta e transparente.

Analisar especificamente os impactos das atividades esportivas do Bairro na vida das crianças e jovens não é tarefa simples. A falta de dados relacionados, o pouco tempo disponível para entrevistas e observações mais profundas sobre toda a metodologia utilizada no Bairro para tratar de esportes sem dúvidas são fatores limitantes da pesquisa.

Mas foi possível identificar claramente que, mesmo de forma subjetiva, o esporte tem impacto não só na saúde – como é mais facilmente notado – quando da prática de atividades físicas por um indivíduo, e também não só na criança em si. A autoestima, o comportamento, senso de liderança, maturidade foram fatores citados como pontos de melhora nas crianças durante as entrevistas. Também é factível perceber que o relacionamento criança/pais ou responsáveis e criança/comunidade em que está inserida se altera para melhor por conta das experiências vividas dentro do Bairro e que são compartilhadas com todos que estão ao seu redor, fortalecendo laços afetivos, de amizade e valores familiares.

A finalização do presente trabalho permite compreender – ainda que de forma incipiente – os impactos gerados pelas atividades esportivas no Bairro da Juventude, trazendo a compreensão que de fato, Instituições que trabalham com empreendedorismo social geram grandes benefícios à sociedade e que podem ser explorados de maneira mais profunda em próximos trabalhos.

## REFERÊNCIAS

ARTEMISIA. **Negócios de impacto social**: nosso conceito. [20--]. Disponível em: <<http://artemisia.org.br/conteudo/negocios/nosso-conceito.aspx>>. Acesso em: 18 out. 2016.

AZEVEDO, P. H.; BARROS, J. F. O Nível de Participação do Estado na Gestão do Esporte Brasileiro como Fator de Inclusão Social de Pessoas Portadoras de Deficiência. **R. bras. Ci. e Mov**, v. 12, n. 1, p. 77-84, 2004.

BAIRRO DA JUVENTUDE. **O que fazemos**. Disponível em: <<http://www.bairrodajuventude.org.br/#PG28>>. Acesso em: 28 abr. 2017.

BARON, Robert A.; SHANE, Scott A.. **Empreendedorismo**: Uma visão do processo. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

BATEMAN, T. S.; SNELL, S. A. **Administração**: novo cenário competitivo. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006. Tradução Bazán Tecnologia e Lingüística Ltda.

BORGES, Élcio Volsnei. **Projetos Esportivos Públicos e Privados no Processo de Inclusão Social de Crianças e Adolescentes**: Um perfil da 26a secretaria de desenvolvimento regional. 2009. 133 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Universidade do Contestado, Canoinhas, 2009. Disponível em: [http://www.unc.br/mestrado/editais/DISSERTACAO\\_DE\\_MESTRADO-ELCIO\\_V\\_BORGES.pdf](http://www.unc.br/mestrado/editais/DISSERTACAO_DE_MESTRADO-ELCIO_V_BORGES.pdf). Acesso em: 22 abr. 2017.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República **Federativa** do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

BRASIL. **Lei n. 12.213**, de 20 de janeiro de 2010. Institui o Fundo Nacional do Idoso e autoriza deduzir do imposto de renda devido pelas pessoas físicas e jurídicas as doações efetuadas aos Fundos Municipais, Estaduais e Nacional do Idoso; e altera a Lei nº 9.250, de 26 de dezembro de 1995. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Lei/L12213.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12213.htm)>. Acesso em 25 jun. 2017.

BRASIL. **Lei 12.715**, de 17 de setembro de 2012. Altera a alíquota das contribuições previdenciárias sobre a folha de salários devidas pelas empresas que especifica; institui o Programa de Incentivo à Inovação Tecnológica e Adensamento da Cadeia Produtiva de Veículos Automotores, o Regime Especial de Tributação do Programa Nacional de Banda Larga para Implantação de Redes de Telecomunicações, o Regime Especial de Incentivo a Computadores para Uso Educacional, o Programa Nacional de Apoio à Atenção Oncológica e o Programa Nacional de Apoio à Atenção da Saúde da Pessoa com Deficiência; restabelece o Programa Um Computador por Aluno; altera o Programa de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico da Indústria de Semicondutores, instituído pela Lei no 11.484, de 31 de maio de 2007; e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12715.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12715.htm)>. Acesso em 25 jun. 2017.

BRASIL. **Lei n. 8.069**, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o estatuto da criança e do adolescente e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm)>. Acesso em 25 jun. 2017.

BRASIL. **Lei n. 8.313**, de 23 de dezembro de 1991. Restabelece princípios da Lei nº 7.505, de 2 de julho de 1986, institui o Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac) e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8313cons.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8313cons.htm)>. Acesso em 25 jun. 2017.

BRASIL. MINISTÉRIO DO ESPORTE. . **Lei de Incentivo ao Esporte**. 2006. Disponível em: <<http://www.esporte.gov.br/index.php/institucional/secretaria-executiva/lei-de-incentivo-ao-esporte>>. Acesso em: 02 maio 2017.

BUSARELLO, Carla Spillere. **Contribuições do Empreendedorismo Social para o Desenvolvimento Local: O caso do Bairro da Juventude**. 2016. 87 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Administração, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2016.

CAPELO, S.M.J. O empreendedorismo social e sua contribuição para a formação da cidadania: estudo de caso da Associação Solidariedade Sempre. In.: SABINO, M. R.; CALZAVARA, M. B.; ALMEIRA, C. C. S.(Org.) **Empreendedorismo Social: Legados da formação cidadã para os 80 anos de Londrina**. Londrina: Magz Comunicação, 2014. p. 65-75. Disponível em: <http://www.isaebrasil.com.br/download/EmpreendedorismoSocial-Rosi-Sabino-org.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2017.

CARDOSO, G. **Mude, você, o mundo**: Manual de empreendedorismo social. São Caetano do Sul, Sp: Lura Editorial, 2015.

CASAQUI, V. A construção do papel do empreendedor social: mundos possíveis, discurso e o espírito do capitalismo. **Galáxia** (São Paulo) [online]. 2015, n.29, pp.44-56. ISSN 1519-311X. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542015120109>.

CHIAVENATO, I. **Empreendedorismo**: Dando asas ao espírito empreendedor. São Paulo: Saraiva, 2004.

COHEN, A.; PEACHEY, J.W. The making of a social entrepreneur: From participant to cause champion within a sport-for-development context. **Sport Management Review**, 18(1), pp.111-125, 2015

DEES, J. G. (1998). The meaning of “social entrepreneurship.” Center for the Advancement of Social Entrepreneurship, Fuqua School of Business, Duke University. Retrieved February 8, 2008, [http://www.fuqua.duke.edu/centers/case/documents/dees\\_sedf.pdf](http://www.fuqua.duke.edu/centers/case/documents/dees_sedf.pdf)

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo na prática**: mitos e verdades do empreendedor de sucesso. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

\_\_\_\_\_. **Empreendedorismo**: transformando ideias em negócios. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001.

DORNELAS, J.; SPINELLI, S.; ADAMS, R. **Criação de novos negócios**: Empreendedorismo para o século XXI. 2. ed. São Paulo: Elsevier, 2014.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR - GEM. **Empreendedorismo no Brasil: 2013** / Coordenação de Simaria Maria de Souza Silveira Greco; autores: Mariano Macedo Matos... [et al] – Curitiba: IBQP, 2013.

GODÓI-DE-SOUSA, E.; GANDOLFI, P. E.; GANDOLFI, M. R. C. Empreendedorismo social no Brasil. Um fenômeno de inovação e desenvolvimento local. **Dimensión Empresarial**, Colombia, v. 9, n. 2, p.22-34, dez. 2011. Disponível em: [https://www.uac.edu.co/images/stories/publicaciones/revistas\\_cientificas/dimension-empresarial/volumen-9-no-2/articulo3.pdf](https://www.uac.edu.co/images/stories/publicaciones/revistas_cientificas/dimension-empresarial/volumen-9-no-2/articulo3.pdf). Acesso em: 18 out. 2016.

GRECO, S. M. S. S. et al. **Empreendedorismo no Brasil: 2008**. Curitiba: IBQP, 2009. Disponível em: [https://bb43fdd9-a-62cb3a1a-s-sites.googlegroups.com/site/familiawedsonfabiana/Home/GEM2008.pdf?attachauth=ANoY7craAhXtbsQaYPCQeNg2fNu5k-SwNIWioUwmjxFknA8Ne8ft43IAawvTsJO9e3ux48TH3Tuzy64vwa4x0Obq1d-Xq\\_58ALkJzeoFkaS\\_n8\\_Ps3IVi6IHLZBtfUPKNBDxJJh1FTrX\\_LxDS0BOEJ7IsofumzAgEBzjRbJuz8yB2iQtqh8jGO6WGSWZfZQd0Sh3YdBgH94gbYwDOuMX7NcHyeKDCNO3YjEb8-ju7B44CVPVZabLXS4%3D&attredirects=1](https://bb43fdd9-a-62cb3a1a-s-sites.googlegroups.com/site/familiawedsonfabiana/Home/GEM2008.pdf?attachauth=ANoY7craAhXtbsQaYPCQeNg2fNu5k-SwNIWioUwmjxFknA8Ne8ft43IAawvTsJO9e3ux48TH3Tuzy64vwa4x0Obq1d-Xq_58ALkJzeoFkaS_n8_Ps3IVi6IHLZBtfUPKNBDxJJh1FTrX_LxDS0BOEJ7IsofumzAgEBzjRbJuz8yB2iQtqh8jGO6WGSWZfZQd0Sh3YdBgH94gbYwDOuMX7NcHyeKDCNO3YjEb8-ju7B44CVPVZabLXS4%3D&attredirects=1). Acesso em: 25 out. 2016.

KIRZNER, I. M. **Competition and entrepreneurship**. Chicago: Chicago University Press, 1973.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing**: edição compacta. São Paulo: Atlas, 1996.

MORAES, T. Entendendo melhor os negócios sociais. In.: SABINO, M. R.; CALZAVARA, M. B.; ALMEIRA, C. C. S.(Org.) **Empreendedorismo Social**: Legados da formação cidadã para os 80 anos de Londrina. Londrina: Magz Comunicação, 2014. p. 31-39. Disponível em: <http://www.isaebrasil.com.br/download/EmpreendedorismoSocial-Rosi-Sabino-org.pdf>. Acesso em: 25 out. 2016.

MOTA, A. L. C. da. **Organizações Empreendedoras do Terceiro Setor**: Desafios para a sobrevivência no contexto do esporte educacional e de participação. 2015. 160 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Administração, Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2015.

MOTA, A. L. C.; NASSIF, V. M. J. Modelos de Gestão do Esporte Educacional e Governança no Terceiro Setor: O Real, O Possível e O Ideal. **Podium Sport, Leisure And Tourism Review**, [s.l.], v. 04, n. 02, p.29-42, 1 ago. 2015. University Nove de Julho. <http://dx.doi.org/10.5585/podium.v4i2.90>.

OLIVEIRA, D. P. R. **Empreendedorismo**: Vocação, capacitação e atuação direcionadas para o plano de negócios. São Paulo: Atlas, 2014.

OLIVEIRA, E. M. **Empreendedorismo Social no Brasil**: fundamentos e estratégias. 2004. 538 f. Tese (Doutorado) - Curso de Serviço Social, Universidade Estadual

Paulista, Franca, 2004. Disponível em:

[http://cacphp.unioeste.br/projetos/casulo/docs/prof\\_edson.pdf](http://cacphp.unioeste.br/projetos/casulo/docs/prof_edson.pdf). Acesso em: 18 out. 2016.

PARENTE, C.; QUINTÃO, C. **Empreendedorismo Social em Portugal**. Porto:

Faculdade de Letras, 2014. Disponível em:

<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/12398.pdf>. Acesso em: 18 out. 2016.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do Trabalho**

**Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2013.

RATTEN, V., 2011. A social perspective of sports-based entrepreneurship.

**International Journal of Entrepreneurship and Small Business**, 12(3), pp.314-326.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

ROSSI J., Renildo et al. Inclusão Social Através do Desporto: Estudo do programa

"Pintando a Liberdade e Cidadania", em Feira de Santana, Bahia - Brasil. **Licere**, Belo Horizonte, v. 3, n. 17, p.224-251, 09/2014.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. **Metodologia da Pesquisa**. 3. ed.

São Paulo: Mcgraw-hill, 2006.

SCHMITT JUNIOR, A.; BEILER, G.; WALKOWSKI, M. Empreendedorismo Social e

Responsabilidade Social: uma abordagem conceitual. **VIII Convibra - Congresso Virtual Brasileiro de Administração**, 2011. Disponível em: [www.convibra.com.br](http://www.convibra.com.br). Acesso em: 18 out. 2016.

SILVEIRA, D.T.; CÓRDOVA, F. P. Métodos de Pesquisa. In.: GERHARDT, T. E.;

SILVEIRA, D.T. (Org.) **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2017.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

YUNUS, M. **Criando um negócio social: Como iniciativas economicamente viáveis**

podem solucionar os grandes problemas da sociedade. Rio de Janeiro: Elsevier Editora Ltda., 2010. Tradução: Leonardo Abramowicz.

## APÊNDICE

## AUTORIZAÇÃO

Eu Anézio Luiz de Souza, abaixo assinado, portador do CPF 776.590.749.20, responsável - **Bairro da Juventude**, autorizo a realização do estudo para **Trabalho de Conclusão de Curso**, a ser conduzido pelo pesquisador Thiago Curcio Librelato. Fui informado pelo pesquisador sobre as características e objetivos da pesquisa, bem como das atividades que serão realizadas na instituição a qual represento.

Criciúma, 12 de Maio de 2017.

  
Anézio Luiz de Souza (NEE)  
Diretor Técnico

Assinatura e carimbo do responsável institucional